



CAFÉ DA MANHÃ COM IMPRENSA

“Impactos positivos da redução do IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados) na reindustrialização do Brasil e os efeitos da guerra na Ucrânia para a indústria do país”

07/03/2022

SÃO PAULO



Veículos presenciais:

GloboNews

BandNews

SBT

Revista Plástico Industrial

Veículos via Teams:

Bloomberg

Valor Econômico

O Globo

Broadcast

Reuters

Poder 360

Fast Markets

TV Terra Viva

TV Record

Siderurgia Brasil

S&P Global Platts

Redução no IPI é medida corajosa e contribuirá para competitividade da indústria do Brasil

Medida pode ajudar também no equilíbrio de preços diante do desarranjo na cadeia de suprimentos provocado pela guerra na Ucrânia

A Coalizão Indústria se reuniu nesta segunda-feira (07/03) para discutir os impactos positivos da redução do IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados) na reindustrialização do Brasil e os efeitos da guerra na Ucrânia para a indústria do país. O evento foi realizado de maneira híbrida, virtual e presencialmente em São Paulo, no Hotel Blue Tree Faria Lima, respeitando todos os protocolos sanitários.

Marco Polo de Mello Lopes, coordenador da Coalizão Indústria e presidente-executivo do Instituto Aço Brasil, disse que a redução do IPI é um pleito antigo da Coalizão Indústria. “A expectativa da Coalizão era a de que a redução fosse de 50%, mas entendemos que a redução de 25% é extremamente importante porque vai na direção da extinção desse imposto. A medida é justa, correta e necessária”, disse Lopes.

José Ricardo Roriz Coelho, presidente da ABIPLAST (Associação Brasileira da Indústria do Plástico), ressaltou que a decisão do governo federal de reduzir em 25% o IPI é um passo importante em prol da reindustrialização do país. “O IPI é um imposto que nunca deveria ter existido. Ele incide somente sobre a indústria e onera toda a produção. Por isso, já vínhamos discutindo com o governo a eliminação do imposto. A decisão de cortar parcialmente para todos os segmentos industriais vai na direção de um começo da reindustrialização brasileira”, disse.

Sobre a guerra na Ucrânia, o coordenador da Coalizão Indústria fez questão de ressaltar que o grupo de associações industriais lamenta profundamente as perdas humanas durante o conflito. “É uma catástrofe humanitária”, classificou. “Economicamente, a guerra já vem afetando toda logística global, aumentando o preço do frete marítimo, e causando efeitos negativos em toda a cadeia de suprimentos. A tendência é o aumento ainda maior do preço de matérias-primas energéticas, que já apresentavam alta significativa mesmo antes da guerra na Ucrânia, impactando fortemente o custo da indústria”, disse.

Fernando Valente Pimentel, presidente-executivo da Abit (Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção), reforçou a preocupação a respeito das consequências dos ataques russos à Ucrânia no frete internacional. “A tendência é que os custos voltem a subir. Além disso, é preciso analisar as rotas que estão sendo prejudicadas em função da guerra. Esses são alguns dos fatores que estão interferindo na cadeia de suprimentos e que podem comprometer o fornecimento de alguns insumos para a produção”, destacou.

A fabricação de semicondutores, insumo fundamental para a produção de produtos eletrônicos e de automóveis, é outra preocupação importante. A produção desses itens havia sido

severamente afetada quando a pandemia de COVID-19 surgiu. E, segundo Humberto Barbato, presidente-executivo da Abinee (Associação Brasileira da Indústria Elétrica Eletrônica), Rússia e Ucrânia são as principais fornecedoras de elementos de fabricação de semicondutores.

Apesar do cenário incerto pela frente, o coordenador da Coalizão Indústria fez questão de ressaltar que o grupo não compartilha das previsões negativas que vêm sendo apresentadas para a economia do país em 2022. “Estamos investindo e isso significa confiança”, afirmou o também presidente-executivo do Instituto Aço Brasil. O Ministério da Economia estima que a redução do IPI trará incrementos no PIB de R\$ 467 bilhões e nos investimentos, de R\$ 314 bilhões, em 15 anos.

Estavam presentes na coletiva Marco Polo de Mello Lopes – Coordenador da Coalizão Indústria / Presidente-Executivo do Instituto Aço Brasil (AÇO BRASIL); José Ricardo Roriz Coelho – Presidente da Associação Brasileira da Indústria do Plástico (ABIPLAST); Fernando Valente Pimentel – Presidente da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (ABIT); Synésio Batista da Costa – Presidente da Associação Brasileira dos Fabricantes de Brinquedos (ABRINQ); Paulo Camillo Penna – Presidente da Associação Brasileira de Cimento Portland (ABCP); José Velloso Dias Cardoso – Presidente-Executivo da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (ABIMAQ); José Jorge do Nascimento Júnior – Presidente-Executivo da Associação Nacional de Fabricantes de Produtos Eletroeletrônicos (ELETROS) e Humberto Barbato – Presidente Executivo da Associação Brasileira Indústria Elétrica Eletrônica (ABINEE). Fazem parte também da Coalizão Indústria ainda a Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB); a Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados); a Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC); a INTERFARMA e o Grupo Farma Brasil.

Brasil

Conjuntura Em cenário adverso, IPCA poderia encostar em 8%, diz Megale

Guerra puxa commodities e faz XP projetar inflação maior

Anaís Fernandes e Victor Rezende
De São Paulo

Diante do impulso adicional da guerra Rússia-Ucrânia aos preços de commodities, a XP elevou sua projeção de inflação no Brasil em 2022 de 5,2% para 6,2%, o que também contribuiu para subir o estimativo de 2023 de 3,25% (centro da meta) para 3,80%. O cálculo deste ano considera câmbio de US\$ 5,20/dólar e petróleo Brent a US\$ 105/barril. Nesse cenário, o Banco Central brasileiro poderia acomodar a pressão temporária de custos sem levar a Selic acima dos 12,75% previstos atualmente pela corretora.

O viés da projeção de IPCA, no entanto, ainda é para cima. "O petróleo está mais alto do que isso. Estamos em meio a um choque de commodities que não sabemos exatamente onde vai parar. A hipótese é que em cerca de um mês vai acalmando", afirma Caio Megale, economista-chefe da XP.

Se, porém, a guerra perdurar para além de um par de meses e vier uma nova aversão a riscos generalizada que piorar as premissas — com dólar voltando a US\$ 5,70-R\$ 5,80 e o petróleo permanecendo acima de US\$ 120/barril —, o quadro pode mudar. "Acho que não tem jeito, vai ter de fazer mais alta da Selic, porque a inflação pode chegar perto de 8%, e um cenário bem mais complexo", diz Megale.

O choque externo deve significar uma inflação mais persistente no Brasil especialmente em alimentos e energia. Apreciação cambial, cortes de impostos e deflação de energia elétrica, por causa do cenário hídrico melhor, ajudam um pouco, diz a XP, mas não evitam uma piora nas projeções.

A queda esperada para os preços da energia elétrica até foi ampliada, de 6,1% para 9,25%, conforme a perspectiva de bandeira tarifária ao fim de 2022 passou de vermelha 1 para amarela. Por outro lado, a XP incorporou alta de 10% no preço de commodities agrícolas e metálicas, além de projeção de estabilidade, e elevou o preço médio do petróleo Brent de US\$ 85/barril para o US\$ 105 mencionados.

Com a seca no Sul e a guerra, a alta estimada da alimentação no domicílio em 2022 foi de 5% para 8%. A inflação de bens industriais passou de 5% para 5,8%, mesmo com o corte de 25% no IPPI — para a XP, o efeito deve ser lateral, já que as empresas podem aproveitar para recuperar margens.

Além disso, as altas estimadas da gasolina e do diesel saíram de 5% cada para 7% e 6%, pela ordem. A projeção já inclui injeção de ali-quotas de PIS/CoFins em diesel, projeto em discussão no Congresso. Outras desonerações, porém, são um risco, principalmente para o fiscal. "Se o preço do barril de petróleo se mantiver no atual patamar,

mas, não descartamos novas injeções em combustíveis e gás, cujo efeito pode saltar para mais de R\$ 50 bilhões", diz o relatório.

Segundo Megale, no cenário-base da XP, a deflagração entre os preços internacionais e os praticados pela Petrobras na gasolina estaria em 10%-15%. "Em uma situação de 'normalidade', não faz sentido ter subsídio do Tesouro". Se a guerra se prolongar e o petróleo ficar em US\$ 130 a US\$ 140/barril, como visto ontem, a deflagração pula para 60%-70%, estima Megale.

"Nessa situação, de fato extraordinária, acho pertinente uma discussão de subsídio temporário. A economia não aumenta um aumento de combustíveis nessa proporção. Pode ser feito até pelos dividendos da Petrobras, que tendem a crescer com o petróleo em alta", diz o economista.

Os bancos centrais de países desenvolvidos — em que a XP está

incluída, mas cuja política monetária ainda é estimulativa — não vão poder "se dar ao luxo" de não reagir às pressões da guerra sobre preços, ainda que a alta dos juros seja em ritmo moderado, diz a XP. "Estamos diante, portanto, de um risco relevante de a economia global entrar em estagflação — inflação alta com atividade em baixa".

No Brasil, já foi começado há um tempo o ciclo de aperto. "É mais provável que a autoridade monetária leia como um choque de oferta e aceite a inflação mais alta por algum tempo", diz o relatório. Assim, a XP apenas desou de enxergar espaço para o BC começar a cortar juros em dezembro deste ano. "Postergamos para o primeiro trimestre de 2023". Com isso, a previsão para a Selic ao fim do próximo ano também andou de 7,5% para 8,25%.

A dívida maior, segundo a XP, está no câmbio. Por um lado, diz, a

alta das commodities, os juros elevados e a atratividade do Brasil ante outros emergentes podem manter a tendência recente de valorização do real. Por outro, os riscos ligados à guerra, à normalização monetária nos Estados Unidos e à incerteza eleitoral e fiscal doméstica tendem a deixar a moeda ainda descolada dos fundamentos. É por isso que a XP passou a usar um real mais valorizado — R\$ 5,20 ao fim de 2022, vindo de projeção anterior de US\$ 5,70 —, mas ainda um pouco acima do patamar atual (R\$ 5,08 ontem).

Apesar dos novos riscos no cenário, a XP não mexeu nas suas projeções de PIB, que são de estabilidade em 2022 e de alta de 1,2% em 2023. "Antes da guerra, tínhamos viés de alta para esse PIB [de 2022], por causa do desempenho melhor na virada do ano. Aquele viés de alta é compensado pelo conflito", diz Megale.

Custo deve voltar a subir, diz indústria

Rafael Vazquez
De São Paulo

Representantes da indústria celebraram a redução de 25% do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) anunciado pelo governo federal no fim de fevereiro, mas o repasse do desconto nos preços não devem ser suficientes para contrabalançar o aumento dos custos de produção agravados pela invasão da Rússia à Ucrânia, segundo representantes dos setores industriais comentaram em evento realizado nesta segunda-feira, em São Paulo.

"Os impactos gerais são causados, por exemplo, por fretes marítimos, desrampagem das cadeias globais, alteração nos fluxos de comércio, impacto de alta nas matérias-primas e insumos energéticos, que provocam reflexos na inflação", disse em entrevista coletiva Marco Polo de Mello Lobo, presidente-executivo do Instituto Aço Brasil e coordenador da Coalizão Indústria, que reuniu ontem representantes setoriais da indústria.

"O frete internacional ganhou contornos dramáticos durante a pandemia. Houve um certo arrefecimento mais recentemente, mas ainda assim o custo do frete por tonelada já estava mais caro do que antes da covid-19. Havia uma expectativa de volta à normalidade por volta do segundo semestre deste ano, mas nesse exato momento a tendência é que os custos voltem a subir. O petróleo explodiu para perto de US\$ 130 dólares por barril", comentou no evento o presidente da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit), Fernando Pimentel.

Apesar das incertezas, a Coalizão Indústria segue projetando um ano positivo para o setor.



Caio Megale: projeção de Selic a 12,75% parece calibrada, mas juros terão de ficar neste patamar por mais tempo



Pedro Fernando Nery *pedrofnery@gmail.com*
Oligarcas

As sanções anunciadas nos últimos dias têm chamado atenção para os oligarcas, o grupo de russos muito ricos que ajudaria a sustentar Putin no poder. O termo – oligarcas – é usado para a elite da Rússia, mas não tipicamente para elites de outros países. O que permite usar a denominação lá e não, por exemplo, aqui? Que semelhanças e diferenças existem entre as nossas elites?

Nos dicionários, a definição de oligarca passa pela elevada influência política que o sujeito detém, mas também se permite o uso para definir

alguém muito rico (um sinônimo de magnata, ricoço). A Rússia é, de fato, um país muito desigual, com alta concentração de renda naqueles que estão no topo dela – mas é difícil encontrar medida que mostre que essa concentração é maior do que no Brasil.

O 1% da população russa que está mais bem posicionado na distribuição de renda concentraria 22% de toda a renda do país – segundo o World Inequality Report 2022. É um dos maiores níveis do mundo. Mas perderia para o Brasil: aqui o 1% mais rico da população leva 27% da renda (segundo a mesma fonte).

Esta concentração nunca foi inferior a 20% da renda nacional, segundo o trabalho do Pedro de Souza, que construiu uma série histórica desde as fortunas brasileiras a boas conexões políticas desde a ditadura militar (pense em empresários presos na Lava Jato) ou até Vargas.

Voltemos aos dados do 1%: a fatia detida por estes grupos no total do patrimônio, por sua vez, seria equivalente nos dois países: em ambos o 1% mais rico responderia por cerca de 50% da riqueza (a apuração desta medida, porém, é menos consensual).

Os dados mostram ainda que os ricos de ambas as nações ficariam bem na comparação internacional: os mais ricos de cada país também pertencem ao clube dos mais ri-

cos do mundo, segundo Branko Milanovic. Em termos absolutos, pela revista *Forbes*, a Rússia tem mais bilionários do que o Brasil (mas produzimos mais deles – proporcionalmente – em 2021).

Se há óbvias diferenças – os bilionários russos fabricados por privatizações corruptas, o uso obstinado de offshores, o envolvimento com um Estado mafioso – não é fácil encontrar uma medida que permita classificar de forma incontestável os russos ricos como oligarcas sem incluir no rótulo os nossos também. ●

cos do mundo, segundo Branko Milanovic. Em termos absolutos, pela revista *Forbes*, a Rússia tem mais bilionários do que o Brasil (mas produzimos mais deles – proporcionalmente – em 2021).

Se há óbvias diferenças – os bilionários russos fabricados por privatizações corruptas, o uso obstinado de offshores, o envolvimento com um Estado mafioso – não é fácil encontrar uma medida que permita classificar de forma incontestável os russos ricos como oligarcas sem incluir no rótulo os nossos também. ●

SEG. Luiz Carlos Trabuco Cappi (quizenalmente) ● TER. Ana Carla Abrão, Pedro Fernando Nery e Demi Getschko (quizenalmente) ● QUA. Fábio Alves ● QUL. Adriana Fernandes ● SEX. Elena Landau e Laura Karpuska (revezam quizenalmente) e Pedro Doria ● SAB. Adriana Fernandes ● DOM. José Roberto Mendonça de Barros (quizenalmente) e Affonso Celso Pastore (quizenalmente); Paulo Leme (1º domingo do mês), Roberto Rodrigues (2º domingo do mês), Albert Fishlow (3º domingo do mês) e Gustavo Franco (último domingo do mês)

Guerra na Ucrânia Componentes eletrônicos

Conflito pode agravar escassez de chips, avalia a Coalizão Indústria

EDUARDO LAGUNA

A crise de abastecimento de componentes eletrônicos, que há mais de um ano é o principal gargalo de produção na indústria de automóveis e de produtos eletroeletrônicos, pode se agravar caso a invasão da Ucrânia pela Rússia persista.

Essa é uma das avaliações sobre os impactos da guerra apresentadas ontem pela Coalizão Indústria, um grupo que representa 12 setores industriais, de brinquedos a veículos.

“Fora o aspecto humano, do ponto de vista econômico podemos ter o problema dos semicondutores agravado por falta de matérias-primas essen-

ciais a sua produção”, afirmou o presidente da Abinee, associação da indústria de aparelhos eletrônicos, Humberto Barbato. De acordo com ele, o processo de produção de chips depende de um gás derivado de siderúrgicas russas, que depois passa por purificação na Ucrânia.

Segundo Barbato, embora se-

se entrave não tenha potencial de comprometer imediatamente a produção mundial, é possível que isso venha a ocorrer porque as fábricas em geral operam com estoques mínimos.

José Ricardo Roriz Coelho, presidente da Abiplast, entidade que representa a indústria do plástico, apontou que a diminuição da frequência de navios em trajetos afetados pela guerra tende a ser um grande problema pelo impacto nos prazos de entrega. Mas, apesar da alta nos preços do petróleo, ele não vê rupturas no suprimento de combustíveis fósseis e gás natural usados na produção de plástico, a menos

que o conflito se prolongue.

FRETE. Um novo aumento do frete é visto como “inevitável” com a escalada das cotações do petróleo. Conforme Fernando Pimentel, presidente da Abit, associação que representa a indústria têxtil, os preços do transporte de mercadorias – que já estavam altos por causa das dificuldades de contratação de navios e da falta de contêineres na pandemia – provavelmente voltarão a subir. “Permanecendo o conflito, a tendência é de repasses aos custos de frete, colocando mais lenha na fogueira na inflação mundial.” ●

COOPERATIVA DE APOIO AOS TRABALHADORES EM CARGA E DESCARGA
CNPJ: 01.536.696/0001-38
EDITAL DE CONVOCAÇÃO - ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA E EXTRAORDINÁRIA
Pelo presente, ficam convidados os associados da CATCD - Cooperativa de Apoio Aos Trabalhadores Em Carga e Descarga, CNPJ sob o Nº 01.536.696/0001-38, com sede, à Rua Dom Pedro Henrique de Orleans e Bragança, nº 1166 - CS 03 - Vila Jaguara - São Paulo - SP, CEP: 05117-002, e filial à Av. Trindade, 254 - Sala 1502 - Office Bethaville - Bairro Beta Ville - Barueri - SP, CEP: 06404-326, que nesta data perfazem 98 (noventa e oito) dias para efeito de cálculo do quórum e para instalação das Assembleias Geral Ordinária e Extraordinária a serem realizadas, cumulativamente, no dia 19 de Março de 2022, em sua sede, acima citada, sendo a AGO às 07:00 horas em primeira convocação com dois terços dos cooperados; às 07:30 horas com metade mais um dos cooperados e às 08:00 horas com no mínimo 20% do total dos sócios cooperados, para deliberação sobre a seguinte ordem do dia: A) Relatório do Conselho Gestor de Administração; B) Balanço Patrimonial e Demonstração das Somas do Exercício de 2021; C) Destinação das sobras do exercício de 2021; D) Eleição do Conselho Fiscal para o mandato de 01.04.2022 à 31.03.2023; E) Fixação da Jurem de Custo do Conselho Fiscal - Exercício - 01.04.2022 à 31.03.2023; F) Relatório de Cooperados a serem - EXCLUIDOS ESTATUTARIAMENTE OU A PEDIDO DOS MESMOS. Às 10:00 horas será feita a primeira convocação para a AGE com dois terços dos cooperados; às 10:30 horas com metade mais um dos cooperados e às 11:00 horas com no mínimo 20% dos sócios cooperados, para deliberação sobre a seguinte ordem do dia: A) Assuntos gerais e de interesse dos Associados. Os ausentes ficarão obrigados a acatarem as deliberações aprovadas nessas Assembleias, implicando tal fato como aprovação tácita do que for decidido.
São Paulo, 08 de março de 2022.
André Luiz Máximo da Costa – Samuel Lima Amaral – Marcos Antônio Schütz Bignardi.
CONSELHO GESTOR DE ADMINISTRAÇÃO

Fortaleza
PREFEITURA
AVISO DE CONVOCAÇÃO
PROCESSO: TOMADA DE PREÇOS Nº. 006/2022.
ORIGEM: SECRETARIA MUNICIPAL DA INFRAESTRUTURA - SEINF.
OBJETO: CONTRATAÇÃO DE EMPRESA PARA EXECUÇÃO DAS OBRAS DE REFORMA E REESTRUTURAÇÃO DA COORDENADORIA MUNICIPAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL - IMPORTANTE BASE DE SEGURANÇA CIDADÃ, LOCALIZADA NO BAIRRO CENTRO, MUNICÍPIO DE FORTALEZA-CE, DE ACORDO COM AS ESPECIFICAÇÕES CONTIDAS NESTE EDITAL E SEUS ANEXOS.
DO TIPO DE LICITAÇÃO: MENOR PREÇO.
REGIME DE EXECUÇÃO: EMPREITADA POR PREÇO UNITÁRIO.
O Presidente da **COMISSÃO ESPECIAL DE LICITAÇÕES DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA – CE**, torna público para conhecimento dos licitantes e demais interessados, que os envelopes contendo a Documentação de Habilitação e Propostas de Preços serão recebidos no horário compreendido entre 10h00min. às 10h15min. do dia, 24 de março de 2022, e a Sessão de Abertura dos envelopes contendo a Documentação de Habilitação e Propostas de Preços ocorrerá no dia 24 de março de 2022, às 10h15min, em sua sede situada Avenida Heráclito Graça, 750, CEP: 60.140-060 - Centro - Fortaleza-CE. O edital em seu texto integral poderá ser lido e obtido no endereço eletrônico: <https://compras.sepog.fortaleza.ce.gov.br/publico/index.asp>, assim como no Portal de Licitações do TCE-CE: <https://licitacoes.tce.ce.gov.br/>. Maiores informações pelo telefone: (85) 3452.3477.
Fortaleza – CE, 7 de março de 2022.
Hamer Soares Rios
PRESIDENTE DA CEL

CONSULTE NOSSA AGENDA DE LEILÕES NO SITE: WWW.FREITASLEILOEIRO.COM.BR

bradesco **LEILÃO SOMENTE "ON-LINE"** **03 IMÓVEIS**
FECHAMENTO: 14/03/2022 A PARTIR DAS 15h00
LOCALIDADES: RJ RO SP
IMÓVEIS COMERCIAIS
AMPLAS FACILIDADES DE PAGAMENTO:
✓ À vista com 10% de desconto
✓ Parcelamento em 12x sem juros/corção
✓ Parcelamento 36 ou 48 vezes com juros/corção
Lances "on-line", edital completo, condições de venda e pagamento, fotos, consulte: www.freitasleiloeiro.com.br
Mais informações consulte: (11) 3117.1001
www.BANCO.BRADESCO/LEILÕES imoveis@freitasleiloeiro.com.br
SERGIO VILLA NOVA DE FREITAS - LEILOEIRO OFICIAL - JUCESP 316

bradesco **LEILÃO EXTRAJUDICIAL** **IMÓVEIS**
1º LEILÃO: 21/03/2022, às 10h00
2º LEILÃO: 24/03/2022, às 10h00
DIVERSOS IMÓVEIS
DIVERSAS LOCALIDADES
EM LOTEAMENTO
ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA SOMENTE "ON-LINE"
Lances "on-line", edital completo, condições de venda e pagamento, fotos, consulte: www.freitasleiloeiro.com.br
Mais informações consulte: (11) 3117.1001
www.BANCO.BRADESCO/LEILÕES imoveis@freitasleiloeiro.com.br
SERGIO VILLA NOVA DE FREITAS - LEILOEIRO OFICIAL - JUCESP 316

brf **LEILÃO SOMENTE ONLINE** **26 IMÓVEIS**
FECHAMENTO: 24/03/2022 a partir das 13h00
ÁREAS RURAIS
IMÓVEIS COMERCIAIS • TERRENOS
Localização: MT • PR • RS • SC • SP
***PAGAMENTO: • À VISTA SEM DESCONTO**
• PARCELADO EM 06 OU 12 PARCELAS
Lances "on-line", edital completo, condições de venda e pagamento, fotos e mais informações, consulte: www.freitasleiloeiro.com.br
imoveis@freitasleiloeiro.com.br (11) 3117.1001
SERGIO VILLA NOVA DE FREITAS - LEILOEIRO OFICIAL - JUCESP 316

A PARTIR DE 5 MIN:





JORNAL HOJE – TV GLOBO

A partir de 33 min:





A partir de 34 min:





<https://www.poder360.com.br/europa-em-guerra/guerra-deve-aumentar-os-precos-da-industria-no-brasil/>

Guerra deve aumentar os preços da indústria no Brasil

Principal motivo é a falta de fornecimento de matérias primas; avaliação é da Coalizão Indústria, que reúne 14 entidades



Linha de produção industrial em uma fábrica

BERNARDO GONZAGA

07.mar.2022 (segunda-feira) - 11h52

A redução do IPI deverá contrabalancear o aumento dos preços de produtos industriais por conta do encarecimento dos insumos causado pela guerra entre Rússia e Ucrânia. O cálculo é da Coalizão Indústria, que integra 14 entidades do setor.

“Essa redução de 25% do IPI barateia os custos dos produtos. Isso é muito bom porque mitiga um pouco o que vem por aí com guerra [entre Rússia e Ucrânia], onde o preço dos insumos de matérias primas de energia e combustíveis está aumentando

muito e a taxa de juros também está aumentando muito”, disse José Ricardo Roriz, presidente [Abiplast](#) (Associação Brasileira da Indústria do Plástico).

A expectativa do setor industrial era de uma redução de 50% do imposto, mas a [mudança feita pelo presidente Jair Bolsonaro](#) (PL) no dia 25 de fevereiro foi de 25%. A coalizão indústria espera que essa redução tenha impacto de R\$ 467 bilhões nos próximos 15 anos.

DESEQUILÍBRIO NA CADEIA PRODUTIVA

Entre os produtos que terão desequilíbrio na cadeia produtiva por causa do conflito na Europa está o semicondutor, essencial para fabricação de produtos eletrônicos e também de automóveis. Este insumo já está em falta desde o início da pandemia e vem provocando forte queda na produção principalmente de carros.

Segundo Humberto Barbato, presidente-executivo da [Abinee](#) (Associação Brasileira Indústria Elétrica Eletrônica), o impacto de curto prazo do conflito na fabricação desse insumo deve ser pequena, mas no médio e longo prazo ainda é difícil avaliar. Isso porque Rússia e Ucrânia são partes essenciais no fornecimento de ingredientes de fabricação do semicondutor e aperfeiçoamento tecnológico dele.

“Para construir um semicondutor, você precisa de duas matérias primas básicas.

Uma é o gás neônio, que é necessário para fazer os lasers que são utilizados na fabricação dos chips. Esse gás é um subproduto da siderurgia russa e para atingir o grau semicondutor que é necessário para fabricar chips e a purificação dele é feita na Ucrânia. Então, juntou 2 problemas graves”, disse Barbato.

No frete marítimo, a expectativa da coalizão indústria é que os preços voltem a subir, sobretudo nas rotas que precisarem ser desviadas por causa do conflito.

Os valores dos fretes marítimos já tinham disparado no ano passado, quando o setor de portos enfrentou uma crise de oferta de contêineres, causando um atraso mundial na embarcação de cargas desse tipo de armazenamento.

“Com relação ao fluxo de mercadorias, nós temos que ver as rotas que estão sendo prejudicadas em relação à própria guerra. O que pode trazer o questionamento do suprimento de determinados insumos para a produção (...) De qualquer maneira, a tendência, permanecendo esse conflito internacional e com os preços explodindo, é que haja um repasse para os fretes internacional”, disse Fernando Valente, presidente da [Abit](#) (Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção). Sobre produtos manufaturados, a expectativa da coalizão indústria é que haja mais importação e exportação desses produtos em 2022, mas que, mesmo assim, a balança comercial brasileira continue deficitária para este seguimento neste ano.

IPI menor é amortecedor à disparada das commodities, diz indústria

Por Eduardo Laguna

São Paulo, 07/03/2022 - A escalada nas cotações das commodities de energia após a guerra entre Rússia e Ucrânia deve ser amortecida, no preço final dos produtos, pelo corte de 25% das alíquotas do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI).

A avaliação foi feita hoje por empresários da Coalizão Indústria, grupo que reúne diversos setores da indústria de transformação, após reunião em hotel na capital paulista. Segundo os industriais, a medida tem impacto positivo não apenas pela redução do imposto em si, mas também por aliviar o custo de financiamento de capital de giro das empresas. A tendência, observaram, é de esses ganhos serem repassados ao consumidor, sobretudo nos mercados de maior concorrência.

Coordenador da Coalizão Indústria, além de presidente-executivo do Instituto Aço Brasil, Marco Polo De Mello Lopes classificou a redução do imposto como uma medida justa, corajosa e necessária num momento em que a inflação global é pressionada pelo choque de oferta decorrente da crise no leste europeu. Ele adiantou, no entanto, que a indústria seguirá cobrando um corte maior, de 50%, do IPI. “Nossa expectativa era de 50%. Faz parte de nossa reivindicação avançar com uma redução maior”, disse o executivo.

Segundo as lideranças industriais, a capacidade das fábricas de repassar a disparada das matérias-primas - em especial petróleo, gás, coque, carvão mineral e energia elétrica - vai variar em cada mercado. De qualquer forma, José Roriz, presidente da Abiplast, a associação que representa a indústria do plástico, avaliou que o corte no IPI ajudará a mitigar essa alta. “Vem em boa hora, é uma medida extremamente oportuna”, comentou.

Contato: eduardo.laguna@estadao.com;

Broadcast+

Aço Brasil/Marco Polo: Sanções à Rússia abrem espaço p/ Brasil negociar cotas de importação dos EUA

Por Eduardo Laguna

São Paulo, 07/03/2022 - A indústria do aço avalia que as sanções sofridas pela Rússia após a invasão à Ucrânia podem fortalecer a posição do Brasil nas negociações em torno das cotas de importação de produtos siderúrgicos semiacabados nos Estados Unidos.

A avaliação é de que, sem a concorrência pesada da Rússia no fornecimento de placas de aço, o Brasil estará em melhor condição para reivindicar a ampliação, ou mesmo a eliminação, da cota de importação do produto, instituída quando os Estados Unidos eram governados por Donald Trump.

“A Rússia é o segundo maior exportador de placas. O maior é o Brasil. Isso vai abrir espaço de negociação com os Estados Unidos”, comentou Marco Polo de Mello Lopes, presidente-executivo do Instituto Aço Brasil, a entidade que representa a siderurgia nacional.

Durante entrevista coletiva da Coalizão Indústria, grupo de 12 setores industriais coordenado por Marco Polo, o executivo informou que uma nova missão empresarial está sendo organizada para visitar os Estados Unidos em meio às negociações por flexibilização das cotas. “Adianto que o pleito é de exclusão dos semiacabados. Não faz sentido a indústria americana, que precisa de placas de aço, sofrer essa restrição”, argumentou.

Contato: eduardo.laguna@estadao.com

Broadcast+

Indústria vê desarranjo logístico e risco de piora na crise dos semicondutores com guerra na Ucrânia

Por Eduardo Laguna

São Paulo, 07/03/2022 - Junto com a escalada dos preços das commodities de energia, o desarranjo logístico, em razão das mudanças nas rotas de transporte de mercadorias causadas pela crise no leste europeu, representa para a indústria o primeiro impacto da guerra entre Rússia e Ucrânia.

A percepção do risco de nova quebra no abastecimento de matérias-primas em decorrência do conflito varia de setor a setor, com as indústrias mais dependentes de insumos importados mais preocupadas do que as que se abastecem, em maior parte, com fornecedores locais.

Ao contrário da disparada das cotações das commodities, com impacto generalizado e praticamente automático no custo de produção das empresas, não há expectativa de que certos insumos comecem a faltar desde já. A situação, no entanto, pode mudar a depender da duração da invasão russa na Ucrânia.

Um dos pontos mais sensíveis está na escassez de componentes eletrônicos, há mais de um ano o principal gargalo de produção na indústria de automóveis e de produtos eletroeletrônicos.

As avaliações preliminares sobre os impactos da guerra foram apresentadas hoje em entrevista coletiva das lideranças da Coalizão Indústria, um grupo que representa 12 setores industriais - de brinquedos a veículos - que tem boa interlocução com o governo.

Segundo Humberto Barbato, presidente da Abinee, a associação da indústria que produz aparelhos como notebook e celular, a guerra tem potencial de agravar a crise de falta de semicondutores, insumo fundamental na fabricação de componentes eletrônicos. Isso porque o processo de produção de chips depende de um gás derivado de siderúrgicas russas - ou seja, um subproduto - cuja purificação é realizada na Ucrânia.

“Fora o aspecto humano, do ponto de vista econômico, podemos ter o problema dos semicondutores agravado por falta de matérias-primas essenciais a sua produção”, comentou Barbato.

Esse novo entrave, complementou Barbato, não deve comprometer imediatamente a produção mundial, mas é possível que não demore muito para isto acontecer porque as fábricas, em geral, operam com estoques mínimos de materiais. “É mais uma razão para esta guerra terminar o mais rápido possível”, disse o presidente da Abinee.

O presidente-executivo da Abimaq, a associação da indústria de máquinas e equipamentos, José Velloso, disse que o fornecimento de metais não deve ser uma restrição, já que os produtores de aço nacionais suprem a maior parcela da demanda da indústria metalmeccânica. “A guerra afeta os custos, mas não vemos problema de insumos para produzir aqui”, pontuou Velloso.

A ressalva dos industriais é de que a perspectiva pode mudar se o conflito se estender por mais tempo. De imediato, a reconfiguração das rotas logísticas é um dos primeiros desafios a empresas que fazem comércio exterior.

José Ricardo Roriz Coelho, presidente da Abiplast, a entidade que representa a indústria do plástico, apontou a diminuição da frequência de navios em trajetos afetados pela guerra, um grande problema pelo impacto nos prazos de entrega. Apesar da alta nos preços, ele não vê rupturas no suprimento de combustíveis fósseis e gás natural usados na produção de plástico - a depender, claro, da duração da guerra.

Uma nova rodada de aumento no frete será, no entanto, inevitável com as cotações do petróleo em escalada. Conforme Fernando Pimentel, presidente da Abit, a associação que representa a indústria têxtil, os preços do transporte de mercadorias - que já tinham ganhado “contornos dramáticos” em decorrência das dificuldades de contratação de navios e de disponibilidade de contêineres na pandemia - provavelmente voltarão a subir. “Permanecendo o conflito, a tendência é de repasses aos custos de frete, colocando mais lenha na fogueira na inflação mundial”, assinalou Pimentel.

Contato: eduardo.laguna@estadao.com

Broadcast+

Estadão: Conflito pode agravar escassez de chips, avalia a Coalizão Indústria

Por Eduardo Laguna

São Paulo, 07/03/2022 - A crise de abastecimento de componentes eletrônicos, que há mais de um ano é o principal gargalo de produção na indústria de automóveis e de produtos eletroeletrônicos, pode se agravar caso a invasão da Ucrânia pela Rússia persista. Essa é uma das avaliações sobre os impactos da guerra apresentadas ontem pela Coalizão Indústria, um grupo que representa 12 setores industriais, de brinquedos a veículos.

“Fora o aspecto humano, do ponto de vista econômico podemos ter o problema dos semicondutores agravado por falta de matérias-primas essenciais a sua produção”, afirmou o presidente da Abinee, associação da indústria de aparelhos eletrônicos, Humberto Barbato. De acordo com ele, o processo de produção de chips depende de um gás derivado de siderúrgicas russas, que depois passa por purificação na Ucrânia.

Segundo Barbato, embora esse entrave não tenha potencial de comprometer imediatamente a produção mundial, é possível que isso venha a ocorrer porque as fábricas em geral operam com estoques mínimos.

José Ricardo Roriz Coelho, presidente da Abiplast, entidade que representa a indústria do plástico, apontou que a diminuição da frequência de navios em trajetos afetados pela guerra tende a ser um grande problema pelo impacto nos prazos de entrega. Mas, apesar da alta nos preços do petróleo, ele não vê rupturas no suprimento de combustíveis fósseis e gás natural usados na produção de plástico, a menos que o conflito se prolongue.

Frete. Um novo aumento no frete é visto como “inevitável” com a escalada das cotações do petróleo. Conforme Fernando Pimentel, presidente da Abit, associação que representa a indústria têxtil, os preços do transporte de mercadorias - que já estavam altos por causa das dificuldades de contratação de navios e da falta de contêineres na pandemia - provavelmente voltarão a subir.

“Permanecendo o conflito, a tendência é de repasses aos custos de frete, colocando mais lenha na fogueira na inflação mundial.”

Broadcast+

Coalizão Indústria alerta sobre pressão estendida nos custos com guerra na Ucrânia

Apesar os reflexos do conflito entre Moscou e Kiev que o setor enfrenta, a Coalizão não revisou suas projeções de desempenho da indústria e segue confiante de que 2022 será um ano positivo

Por Rafael Vazquez, Valor — São Paulo

07/03/2022 16h18 • Atualizado há 17 horas

Os representantes da indústria brasileira receberam bem a redução de 25% do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) anunciado pelo governo federal no fim de fevereiro, mas o repasse do desconto nos preços não devem ser suficientes para contrabalançar o aumento dos custos de produção agravados pela invasão da Rússia a Ucrânia, segundo representantes dos setores industriais comentaram em evento realizado nesta segunda-feira (7), em São Paulo.

“Os impactos gerais são causados, por exemplo, por fretes marítimos, desarranjo das cadeias globais, alteração nos fluxos de comércio, impacto de alta nas matérias primas e insumos energéticos, que provocam reflexos na inflação”, disse em entrevista coletiva **Marco Polo de Mello Lopes**, presidente-executivo do **Instituto Aço Brasil** e coordenador da **Coalizão Indústria**, que reuniu os representantes de cada setor da indústria brasileira nesta segunda-feira.

Leia mais:

- **EUA podem banir petróleo russo mesmo sem adesão de aliados**
- **Guerra ‘ciber’ preocupa indústria de seguros no Brasil e no mundo**

Guerra torna ‘soberania digital’ mais relevante

- **Guerra traz pressão extra para indústria que precisa de chips**
- **Incerteza da guerra leva a 'inflexão' e traz risco de recessão, diz Chauvet**

“O frete internacional ganhou contornos dramáticos durante a pandemia. Houve um certo arrefecimento mais recentemente, mas ainda assim o custo do frete por tonelada já estava mais caro do que antes da covid-19. Havia uma expectativa de volta à normalidade por volta do segundo semestre desse ano, mas nesse exato momento a tendência é que os custos voltem a subir. O petróleo explodiu para perto de US\$ 130 dólares por barril”, comentou no evento o presidente da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit), **Fernando Pimentel**.

Leia mais:

- **Sanções à Rússia estão longe de ser uma resposta ideal**
- **Brasil teme 'remédio pior que a doença' nas sanções à Rússia**
- **O impacto da guerra sobre a economia brasileira**

Já o presidente da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee), **Humberto Barbato**, destacou que a guerra entre Rússia e Ucrânia geram um impacto na fabricação de semicondutores que ainda é difícil avaliar no médio e longo prazo. Conforme explicou a Rússia e a Ucrânia são países fundamentais no processo de aperfeiçoamento e fornecimento dessas peças.

Isso porque, como disse Barbato, para construir um semicondutor uma das matérias primas necessárias é o gás neônio, para fazer os lasers usados na fabricação dos chips.” Esse gás é um subproduto da siderurgia russa e para atingir o grau semicondutor que é necessário para fabricar chips a purificação dele é feita na Ucrânia. Então, juntou 2 problemas graves”, observou.

Apesar das dificuldades e incertezas, contudo, a Coalizão Indústria não revisou suas projeções de desempenho da indústria e segue acreditando em um ano positivo.

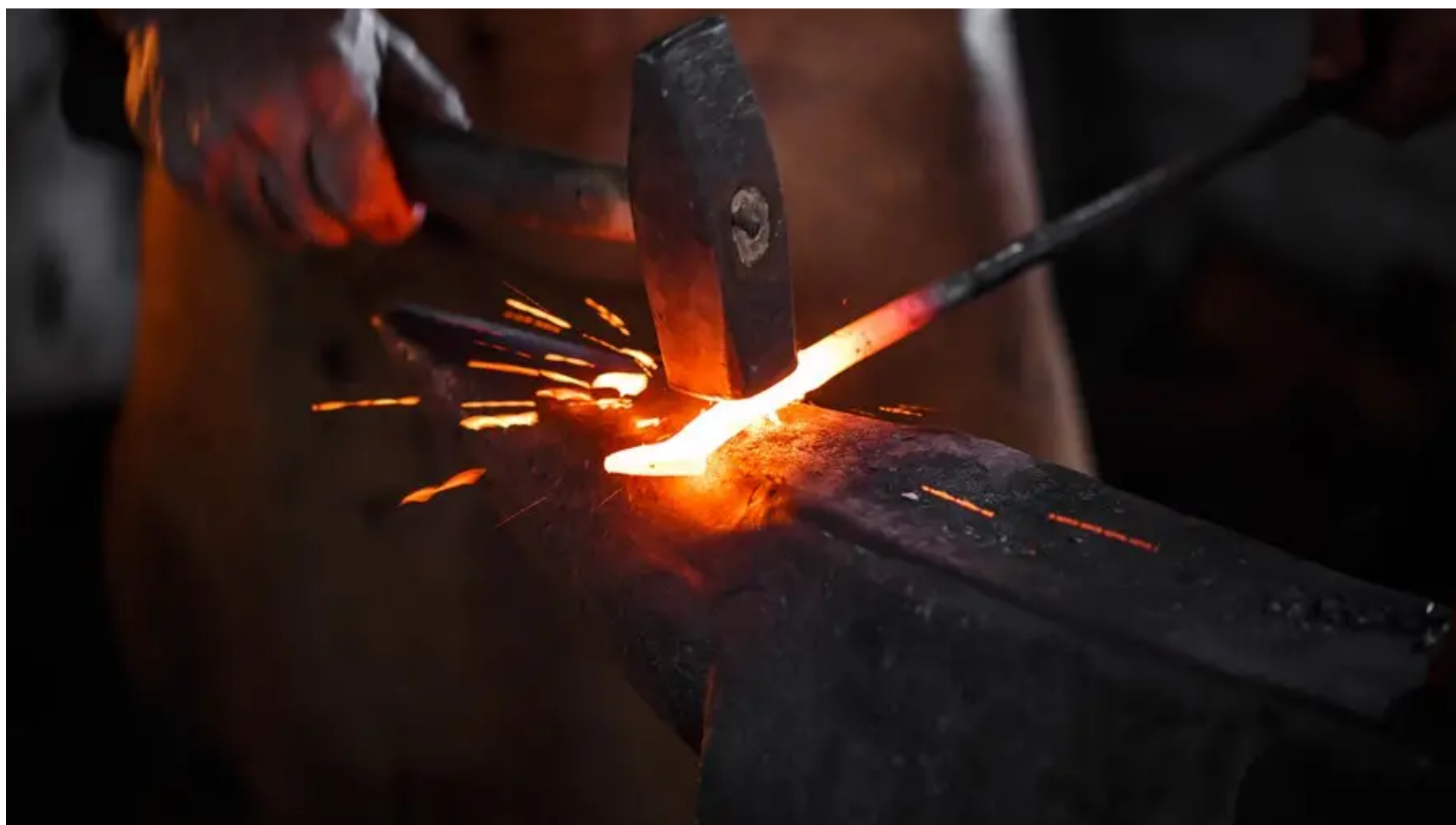
Efeitos da guerra

Sanções contra Rússia podem abrir espaço para exportação de aço do Brasil aos EUA

Siderúrgicas pretendem negociar extinção ou aumento das cotas de vendas para o mercado norte-americano

Por [Alexandre Rocha](#)

8 mar 2022 09h30-Atualizado 4 horas atrás



As sanções econômicas impostas contra a Rússia pela invasão da Ucrânia podem abrir espaço para o aumento das exportações de aço do Brasil para os Estados Unidos.

“Com o fechamento das relações [comerciais entre os EUA e a Rússia], certamente um espaço vai se abrir para nossas negociações com os Estados Unidos em relação à Seção 232”, disse nesta segunda-feira (7) o presidente executivo do Instituto Aço Brasil, representante do setor siderúrgico, Marco Polo de Mello Lopes, em coletiva de imprensa da Coalizão Indústria, iniciativa que reúne 14 entidades do setor industrial.



InfoMoney



Petrobras Dia c

IBOVESPA **111.408 pts** **-0,17**

loft

Quer vender o seu apê?
Compramos e pagamos à vista!

R4 R\$ Simule Agora

Representantes das associações que compõem a iniciativa se reuniram em São Paulo para discutir os efeitos na indústria da redução de 25% do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) e da invasão da Ucrânia.

A Seção 232 é um instrumento adotado pelo ex-presidente norte-americano Donald Trump para reduzir as importações de aço. A norma impõe [cota](#) às exportações Brasileiras. As vendas de semimanufaturados de aço do Brasil aos EUA foram limitadas a 3,5 milhões de toneladas anuais. Em 2017, antes da medida, o embarque para o mercado norte-americano tinham chegado a 4,7 milhões de toneladas.

Leia também:

- [Empresas fecham cerco a Rússia; analistas já veem impactos em oferta de commodities e na logística](#)
- [Preços do aço inoxidável saltam na China com disparada do níquel por guerra](#)

De acordo com Lopes, o setor pleiteia a exclusão das exportações brasileiras de aço semiacabado aos EUA do sistema de cotas. “Não faz nenhum sentido para a indústria americana – que precisa das placas para poder produzir – que o aço brasileiro fique dentro desta restrição”, afirmou. Ele acrescenta que o tema já foi alinhado com a diplomacia brasileira, e uma missão deve ser organizada para negociar com as autoridades norte-americanas.

Caso não haja possibilidade de suspender a limitação, o Brasil pretende pedir a ampliação da volume. “Aí entra a questão que eu mencionei da Rússia”, disse o executivo. Segundo ele, o país eslavo chegou a exportar 2 milhões de toneladas aos EUA em 2018, mas houve redução desde então em função também das cotas.



InfoMoney



Petrobras Dia

IBOVESPA 111.408, pts -0,17



Quer vender o seu apê?
Comparamos e pagamos à vista!

R4 R\$ Simule Agora

Aumento de preços

O receio mais imediato dos industriais é com os efeitos da invasão da Ucrânia e das sanções contra a Rússia nos preços dos combustíveis, como petróleo e gás, e insumos industriais, como commodities metálicas.

Além da redução da oferta internacional, com a interrupção do fornecimento de produtos russos e ucranianos, a guerra interfere no transporte mundial de mercadorias e nos valores dos fretes. Isso ocorre num momento em que os [gargalos](#) criados pela pandemia de Covid-19 começavam a desaparecer.

Nesse sentido, a tendência inflacionária internacional, que já vinha em movimento, ganhou mais força. Desde o início da invasão, em 24 de fevereiro, houve aumento nos preços do alumínio, minério de ferro, aço, níquel e paládio, itens exportados pela Rússia e Ucrânia, e outros metais. O “boom” nos preços das commodities, que havia arrefecido no final de 2021, voltou a avançar.

De acordo com informações divulgadas pela Coalizão Indústria, o Índice de Commodities Brasil (IC-Br), medido pelo Banco Central, teve variação positiva acumulada de 39,3% de janeiro de 2021 a fevereiro de 2022. O IC-Br dos metais avançou 41,1% na mesma comparação e só perde para o indicador de energia, que inclui petróleo e gás, que avançou 78,3%.

O índice global medido pelo Commodity Research Bureau (CRM) registrou aumento de 27,9% no mesmo período. Ou seja, os impactos da guerra ocorrem num momento de preços já elevados.

A avaliação é que tal escalada irá pressionar os preços dos produtos industrializados. “O Brasil produz quase todo o metal que consome. Aço, por exemplo, importa pouco, e a maioria vem da China. Nós não temos dependência de matérias-primas [metálicas] da Rússia. O problema é [o impacto] no preço”, observou José Velloso, presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Máquinas e Equipamentos (Abimaq).



InfoMoney



Petrobras Dia

IBOVESPA 111.408, pts -0,17



Quer vender o seu apê?
Comparamos e pagamos à vista!

R4 R\$ Simule Agora

Os efeitos do conflito na logística internacional prometem contribuir ainda mais com o aumento dos preços das mercadorias. “A tendência, se o conflito continuar, e com os preços já explodindo, é que haja algum repasse aos custos do frete, colocando mais lenha na fogueira da inflação mundial”, declarou Fernando Pimentel, presidente da Associação Brasileira da Indústria Têxtil (Abit).

O presidente da Associação Brasileira da Indústria do Plástico (Abiplast), José Roriz Coelho, acredita que a redução do IPI anunciada recentemente pelo governo “pode mitigar um pouco” a pressão dos insumos nos valores dos produtos finais.

Sem desabastecimento

Os representantes da indústria não esperam impactos imediatos da guerra no abastecimento, inclusive em setores que importam matérias-primas da Rússia ou da Ucrânia.

“Não vejo problemas para suprir a demanda física no curto prazo”, comentou Coelho. “O impacto em curto prazo será pequeno, não devemos sofrer mais do que já sofríamos”, destacou o presidente da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee), Humberto Barbato.

Diversos segmentos da indústria sofreram durante a pandemia com a falta de semicondutores produzidos na Ásia, principalmente na China. O problema foi causado por paralisações em fábricas chinesas e congestionamentos nos portos.

Agora Barbato teme que uma guerra prolongada possa afetar a oferta de dois insumos essenciais para a produção de chips, o gás neônio e o metal paládio, exportados por Ucrânia e Rússia. Ele acrescenta que, por enquanto, há estoques para abastecer a produção, mas é difícil prever quanto eles vão durar.

Na siderurgia, há um tipo de carvão utilizado, chamado PCI (sigla em inglês para Carvão Pulverizado para Injeção), que no Brasil é 100% importado da Rússia, segundo Lopes. Ele garante, no entanto, que as empresas estão buscando fornecedores alternativos. Na Austrália, por exemplo. “E temos estoques”, ressaltou.

Para Velloso, a substituição de importações torna-se uma questão estratégica. Como a busca por fornecedores alternativos de insumos tende a ser um movimento global, este é mais um fator de pressão sobre os preços.

Os executivos destacam que, se os preços continuarem a aumentar no Brasil, não é culpa do mercado interno. “Não existe perspectiva de inflação de demanda. Nós temos uma capacidade ociosa de 40%, estamos preparados para atender qualquer nível de demanda que seja”, observou Lopes.

Os líderes empresariais acrescentam que as avaliações feitas até agora



InfoMoney



Petrobras Dia

IBOVESPA 111.408 pts -0,17



Quer vender o seu apê?
Comparamos e pagamos à vista!

R4 R\$ Simule Agora

IPI menor é amortecedor à disparada das commodities, diz indústria



[Clique aqui para abrir a imagem](#)

A escalada nas cotações das commodities de energia após a guerra entre Rússia e Ucrânia deve ser amortecida, no preço final dos produtos, pelo corte de 25% das alíquotas do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI). A avaliação foi feita nesta segunda-feira por empresários da Coalizão Indústria, grupo que reúne diversos setores da indústria de transformação, após reunião em hotel na capital paulista.

Segundo os industriais, a medida tem impacto positivo não apenas pela redução do imposto em si, mas também por aliviar o custo de financiamento de capital de giro das empresas. A tendência, observaram, é de esses ganhos serem repassados ao consumidor, sobretudo nos mercados de maior concorrência.

Coordenador da Coalizão Indústria, além de presidente-executivo do **Instituto Aço Brasil**, Marco Polo De Mello Lopes classificou a redução do imposto como uma medida justa, corajosa e necessária num momento em que a inflação global é pressionada pelo choque de oferta decorrente da crise no leste europeu.

Ele adiantou, no entanto, que a indústria seguirá cobrando um corte maior, de 50%, do IPI. 'Nossa expectativa era de 50%. Faz parte de nossa reivindicação avançar com uma redução maior', disse o executivo.

Segundo as lideranças industriais, a capacidade das fábricas de repassar a disparada das matérias-primas - em especial petróleo, gás, coque, carvão mineral e energia elétrica - vai variar em cada mercado.

De qualquer forma, José Roriz, presidente da Abiplast, a associação que representa a indústria do plástico, avaliou que o corte no IPI ajudará a mitigar essa alta. 'Vem em boa hora, é uma medida extremamente oportuna', comentou.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

Assuntos e Palavras-Chave: Aço Brasil - Aço Brasil, Diretoria Executiva - Marco Polo de Mello Lopes

Aço Brasil: Sanções abrem espaço para negociar cotas de importação dos EUA



[Clique aqui para abrir a imagem](#)

A indústria do aço avalia que as sanções sofridas pela Rússia após a invasão à Ucrânia podem fortalecer a posição do Brasil nas negociações em torno das cotas de importação de produtos siderúrgicos semiacabados nos Estados Unidos.

A avaliação é de que, sem a concorrência pesada da Rússia no fornecimento de placas de aço, o Brasil estará em melhor condição para reivindicar a ampliação, ou mesmo a eliminação, da cota de importação do produto, instituída quando os Estados Unidos eram governados por Donald Trump.

"A Rússia é o segundo maior exportador de placas. O maior é o Brasil. Isso vai abrir espaço de negociação com os Estados Unidos", comentou **Marco Polo de Mello Lopes**, presidente-executivo do **Instituto Aço Brasil**, a entidade que representa a siderurgia nacional.

Durante entrevista coletiva da Coalizão Indústria, grupo de 12 setores industriais coordenado por Marco Polo, o executivo informou que uma nova missão empresarial está sendo organizada para visitar os Estados Unidos em meio às negociações por flexibilização das cotas. "Adianto que o pleito é de exclusão dos semiacabados. Não faz sentido a indústria americana, que precisa de placas de aço, sofrer essa restrição", argumentou.

Assuntos e Palavras-Chave: Aço Brasil - Aço Brasil, Diretoria Executiva - Marco Polo de Mello Lopes

IPI menor é amortecedor à disparada das commodities, diz indústria



[Clique aqui para abrir a imagem](#)

A escalada nas cotações das commodities de energia após a guerra entre Rússia e Ucrânia deve ser amortecida, no preço final dos produtos, pelo corte de 25% das alíquotas do Imposto sobre Produtos Industrializados (**IPI**).

A avaliação foi feita nesta segunda-feira (7) por empresários da **Coalizão Indústria**, grupo que reúne diversos setores da indústria de transformação, após reunião em hotel na capital paulista.

Segundo os industriais, a medida tem impacto positivo não apenas pela redução do imposto em si, mas também por aliviar o custo de financiamento de capital de giro das empresas.

A tendência, observaram, é de esses ganhos serem repassados ao consumidor, sobretudo nos mercados de maior concorrência.

Coordenador da **Coalizão Indústria**, além de presidente-executivo do **Instituto Aço Brasil**, Marco Polo De Mello Lopes classificou a redução do imposto como uma medida justa, corajosa e necessária num momento em que a inflação global é pressionada pelo choque de oferta decorrente da crise no leste europeu.

Ele adiantou, no entanto, que a indústria seguirá cobrando um corte maior, de 50%, do **IPI**. 'Nossa expectativa era de 50%. Faz parte de nossa reivindicação avançar com uma redução maior', disse o executivo.

Segundo as lideranças industriais, a capacidade das fábricas de repassar a disparada das matérias-primas - em especial petróleo, gás, coque, **carvão** mineral e **energia elétrica** - vai variar em cada mercado.

De qualquer forma, José Roriz, presidente da Abiplast, a associação que representa a indústria do plástico, avaliou

que o corte no **IPI** ajudará a mitigar essa alta. 'Vem em boa hora, é uma medida extremamente oportuna', comentou.

Assuntos e Palavras-Chave: Aço Brasil - Aço Brasil, Comércio Exterior - Coalizão Indústria, Diretoria Executiva - Marco Polo de Mello Lopes, Insumos - Carvão, Insumos - Energia Elétrica, Política Fiscal - IPI

Aço Brasil: Sanções abrem espaço para negociar cotas de importação dos EUA



[Clique aqui para abrir a imagem](#)

Autor: Estadão Conteúdo

A indústria do aço avalia que as sanções sofridas pela Rússia após a invasão à Ucrânia podem fortalecer a posição do Brasil nas negociações em torno das cotas de importação de produtos siderúrgicos semiacabados nos Estados Unidos.

A avaliação é de que, sem a concorrência pesada da Rússia no fornecimento de placas de aço, o Brasil estará em melhor condição para reivindicar a ampliação, ou mesmo a eliminação, da cota de importação do produto, instituída quando os Estados Unidos eram governados por Donald Trump.

'A Rússia é o segundo maior exportador de placas. O maior é o Brasil. Isso vai abrir espaço de negociação com os Estados Unidos', comentou **Marco Polo de Mello Lopes**, presidente-executivo do **Instituto Aço Brasil**, a entidade que representa a siderurgia nacional.

Durante entrevista coletiva da **Coalizão Indústria**, grupo de 12 setores industriais coordenado por Marco Polo, o executivo informou que uma nova missão empresarial está sendo organizada para visitar os Estados Unidos em meio às negociações por flexibilização das cotas. 'Adianto que o pleito é de exclusão dos semiacabados. Não faz sentido a indústria americana, que precisa de placas de aço, sofrer essa restrição', argumentou.

Saiba mais

Assuntos e Palavras-Chave: Aço Brasil - Aço Brasil, Comércio Exterior - Coalizão Indústria, Diretoria Executiva - Marco Polo de Mello Lopes

Aço Brasil: Sanções abrem espaço para negociar cotas de importação dos EUA



[Clique aqui para abrir a imagem](#)

A indústria do **aço** avalia que as sanções sofridas pela Rússia após a invasão à Ucrânia podem fortalecer a posição do Brasil nas negociações em torno das cotas de importação de produtos siderúrgicos semiacabados nos Estados Unidos.

A avaliação é de que, sem a concorrência pesada da Rússia no fornecimento de placas de **aço**, o Brasil estará em melhor condição para reivindicar a ampliação, ou mesmo a eliminação, da cota de importação do produto, instituída quando os Estados Unidos eram governados por Donald Trump.

'A Rússia é o segundo maior exportador de placas. O maior é o Brasil. Isso vai abrir espaço de negociação com os Estados Unidos', comentou **Marco Polo de Mello Lopes**, presidente-executivo do **Instituto Aço Brasil**, a entidade que representa a siderurgia nacional.

Durante entrevista coletiva da **Coalizão Indústria**, grupo de 12 setores industriais coordenado por Marco Polo, o executivo informou que uma nova missão empresarial está sendo organizada para visitar os Estados Unidos em meio às negociações por flexibilização das cotas. 'Adianto que o pleito é de exclusão dos semiacabados. Não faz sentido a indústria americana, que precisa de placas de **aço**, sofrer essa restrição', argumentou.

Saiba mais

Assuntos e Palavras-Chave: Aço Brasil - Aço Brasil, Comércio Exterior - Coalizão Indústria, Diretoria Executiva - Marco Polo de Mello Lopes, Insumos - Aço, Política Industrial - Setor siderúrgico

Coalizão Indústria diz que "mercado" vai ditar eventual repasse de IPI menor aos preços



[Clique aqui para abrir a imagem](#)

SÃO PAULO (Reuters) - Setores industriais do país reunidos em uma coalizão de interesses se reuniram nesta segunda-feira para debater eventuais efeitos da redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) e afirmaram em entrevista à imprensa que eventuais repasses aos consumidores da redução de 25% do IPI, decidida recentemente pelo governo federal, serão decididos em função do mercado.

O governo federal anunciou no final de fevereiro redução de 25% do IPI em praticamente todos os produtos industrializados em uma estratégia que vai gerar renúncia fiscal de 20 bilhões de reais (incluindo por Estados e municípios) e que foi anunciada em ano eleitoral. A expectativa oficial é que a redução do imposto ajude a conter a inflação e dê um impulso à indústria.

"A princípio, esse IPI era para cair 50% e tomou-se a decisão de 25%. Vamos continuar ainda com essa discussão de queda do IPI", disse o presidente da associação da indústria de produtos plásticos Abiplast, José Ricardo Roriz Coelho, que participou de evento da Coalizão Indústria. O grupo reúne 14 entidades do setor industrial de segmentos que incluem além do plástico, aço, construção, eletroeletrônica, máquinas, veículos e fármacos.

"O IPI tende a ser repassado quase todo, até porque nos setores onde têm concorrência e onde você tem uma demanda que é incerta, é lógico que a empresa vai sair na frente para repassar o IPI se não ela vai perder mercado", acrescentou Roriz.

"A própria concorrência vai pressionar para que venha o mais rápido possível esse repasse para o consumidor final", disse ele.

Representantes dos setores presentes na reunião evitaram mencionar eventuais percentuais de repasse da redução do IPI sobre seus produtos. Segundo eles, essa é uma dinâmica que será definida pelo mercado.

De acordo com o presidente-executivo do **Aço Brasil**, que reúne produtores de aço, Marco Polo Lopes, "repasse é mercado...Mercado é mercado, quem define as condições é o próprio mercado. O momento para isso (repasse da redução do IPI) depende de cada segmento, não dá para fazer uma previsão".

AÇO E EUA

Lopes também afirmou durante o evento que a guerra na Ucrânia pode facilitar o pleito brasileiro de eliminar algumas quotas de exportação de aço para os Estados Unidos. Segundo ele, discussões já estão em curso e devem se seguir a uma nova missão do governo e do setor siderúrgico para Washington.

"O pleito que já temos definido com o governo brasileiro é de exclusão das cotas de exportações de semiacabados para os EUA", disse o presidente do **Aço Brasil**. "Se não houver essa possibilidade, o pleito é de aumento da cota."

A Rússia exportou em 2018, quando as cotas de exportações de aço foram definidas pelos EUA, cerca de 2 milhões de toneladas de aço para o país, segundo maior fornecedor de placas depois do Brasil, disse Lopes.

O executivo comentou ainda que o setor siderúrgico já está buscando alternativas de fornecimento de carvão siderúrgico, que foi impactado pelas sanções à Rússia, e citou que a Austrália é uma opção. "Entendemos que no curto prazo não vai ter nenhum tipo de problema relacionado à produção."

Sobre as projeções para a economia nacional neste ano, Lopes afirmou que as estimativas da cadeia do aço, e dos outros setores, de crescimento econômico, estão "mantidas apesar das incertezas" que o cenário da guerra na Ucrânia trouxe, incluindo a manutenção da elevação de preços de commodities.

(Por Alberto Alerigi Jr.; edição de André Romani)

Assuntos e Palavras-Chave: Aço Brasil - Aço Brasil, Diretoria Executiva - Marco Polo de Mello Lopes

Coalizão Indústria diz que diminuir IPI vai amortecer aumento das commodities



[Clique aqui para abrir a imagem](#)

Autor: Fernanda Strickland

A **Coalizão Indústria** - integrada por 15 entidades do setor - avalia que a escalada nas cotações das commodities de energia em meio à guerra entre Rússia e Ucrânia deve ser amortecida, no preço final dos produtos. Segundo os empresários, o corte de 25% das alíquotas do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) servirá de amortecedor.

O grupo de empresários fez a afirmação em coletiva de imprensa, nesta segunda-feira (7/3), sobre o impacto da redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) na reindustrialização do Brasil e possíveis efeitos da guerra na Ucrânia no dia a dia da indústria.

Ainda na coletiva, a **Coalizão Indústria** disse que a medida tem impacto positivo não apenas pela redução do imposto em si, mas também por aliviar o custo de financiamento de capital de giro das empresas.

O coordenador da **Coalizão Indústria**, Marco Polo De Mello Lopes, que é presidente-executivo do **Instituto Aço Brasil**, classificou a redução do imposto como sendo uma medida justa, corajosa e necessária num momento em que a inflação global é pressionada pelo choque de oferta decorrente da crise no leste europeu. "Nossa expectativa era de 50%. Faz parte de nossa reivindicação avançar com uma redução maior", adiantou.

Assuntos e Palavras-Chave: Aço Brasil - Aço Brasil, Comércio Exterior - Coalizão Indústria, Diretoria Executiva - Marco Polo de Mello Lopes

Indústrias dizem que mercado vai ditar repasse de IPI menor aos preços



[Clique aqui para abrir a imagem](#)

Autor: Reuters

Setores industriais do país reunidos em uma coalizão de interesses se reuniram nesta segunda-feira para debater eventuais efeitos da redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) e afirmaram em entrevista à imprensa que eventuais repasses aos consumidores da redução de 25% do IPI, decidida recentemente pelo governo federal, serão decididos em função do mercado.

O governo federal anunciou no final de fevereiro redução de 25% do IPI em praticamente todos os produtos industrializados em uma estratégia que vai gerar renúncia fiscal de 20 bilhões de reais (incluindo por Estados e municípios) e que foi anunciada em ano eleitoral. A expectativa oficial é que a redução do imposto ajude a conter a inflação e dê um impulso à indústria.

'A princípio, esse IPI era para cair 50% e tomou-se a decisão de 25%. Vamos continuar ainda com essa discussão de queda do IPI', disse o presidente da associação da indústria de produtos plásticos Abiplast, José Ricardo Roriz Coelho, que participou de evento da Coalizão Indústria. O grupo reúne 14 entidades do setor industrial de segmentos que incluem além do plástico, aço, construção, eletroeletrônica, máquinas, veículos e fármacos.

'O IPI tende a ser repassado quase todo, até porque nos setores onde têm concorrência e onde você tem uma demanda que é incerta, é lógico que a empresa vai sair na frente para repassar o IPI se não ela vai perder mercado', acrescentou Roriz.

'A própria concorrência vai pressionar para que venha o mais rápido possível esse repasse para o consumidor final', disse ele.

Representantes dos setores presentes na reunião evitaram mencionar eventuais percentuais de repasse da redução do IPI sobre seus produtos. Segundo eles, essa é uma dinâmica que será definida pelo mercado.

De acordo com o presidente-executivo do **Aço Brasil**, que reúne produtores de aço, Marco Polo Lopes, 'repasse é mercado? Mercado é mercado, quem define as condições é o próprio mercado. O momento para isso (repasse da redução do IPI) depende de cada segmento, não dá para fazer uma previsão'.

AÇO E EUA

Lopes também afirmou durante o evento que a guerra na Ucrânia pode facilitar o pleito brasileiro de eliminar algumas quotas de exportação de aço para os Estados Unidos. Segundo ele, discussões já estão em curso e devem se seguir a uma nova missão do governo e do setor siderúrgico para Washington.

'O pleito que já temos definido com o governo brasileiro é de exclusão das cotas de exportações de semiacabados para os EUA', disse o presidente do **Aço Brasil**. 'Se não houver essa possibilidade, o pleito é de aumento da cota.'

A Rússia exportou em 2018, quando as cotas de exportações de aço foram definidas pelos EUA, cerca de 2 milhões de toneladas de aço para o país, segundo maior fornecedor de placas depois do Brasil, disse Lopes.

O executivo comentou ainda que o setor siderúrgico já está buscando alternativas de fornecimento de carvão siderúrgico, que foi impactado pelas sanções à Rússia, e citou que a Austrália é uma opção. 'Entendemos que no curto prazo não vai ter nenhum tipo de problema relacionado à produção.'

Sobre as projeções para a economia nacional neste ano, Lopes afirmou que as estimativas da cadeia do aço, e dos outros setores, de crescimento econômico, estão 'mantidas apesar das incertezas' que o cenário da guerra na Ucrânia trouxe, incluindo a manutenção da elevação de preços de commodities.

Assuntos e Palavras-Chave: Aço Brasil - Aço Brasil, Diretoria Executiva - Marco Polo de Mello Lopes

IPI menor é amortecedor à disparada das commodities, diz indústria



[Clique aqui para abrir a imagem](#)

Autor: Estadão Conteúdo Eduardo Laguna

A escalada nas cotações das commodities de energia após a guerra entre Rússia e Ucrânia deve ser amortecida, no preço final dos produtos, pelo corte de 25% das alíquotas do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI). A avaliação foi feita nesta segunda-feira por empresários da Coalizão Indústria, grupo que reúne diversos setores da indústria de transformação, após reunião em hotel na capital paulista.

Segundo os industriais, a medida tem impacto positivo não apenas pela redução do imposto em si, mas também por aliviar o custo de financiamento de capital de giro das empresas. A tendência, observaram, é de esses ganhos serem repassados ao consumidor, sobretudo nos mercados de maior concorrência.

Coordenador da Coalizão Indústria, além de presidente-executivo do **Instituto Aço Brasil**, Marco Polo De Mello Lopes classificou a redução do imposto como uma medida justa, corajosa e necessária num momento em que a inflação global é pressionada pelo choque de oferta decorrente da crise no leste europeu.

Ele adiantou, no entanto, que a indústria seguirá cobrando um corte maior, de 50%, do IPI. "Nossa expectativa era de 50%. Faz parte de nossa reivindicação avançar com uma redução maior", disse o executivo.

Segundo as lideranças industriais, a capacidade das fábricas de repassar a disparada das matérias-primas - em especial petróleo, gás, coque, carvão mineral e energia elétrica - vai variar em cada mercado.

De qualquer forma, José Roriz, presidente da Abiplast, a associação que representa a indústria do plástico, avaliou que o corte no IPI ajudará a mitigar essa alta. "Vem em boa hora, é uma medida extremamente oportuna", comentou.

GZH faz parte do The Trust Project

Saiba Mais

Assuntos e Palavras-Chave: Aço Brasil - Aço Brasil, Diretoria Executiva - Marco Polo de Mello Lopes

IPI menor é amortecedor à disparada das commodities, diz indústria



[Clique aqui para abrir a imagem](#)

Autor: Agência Estado

A escalada nas cotações das commodities de energia após a guerra entre Rússia e Ucrânia deve ser amortecida, no preço final dos produtos, pelo corte de 25% das alíquotas do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI). A avaliação foi feita nesta segunda-feira por empresários da Coalizão Indústria, grupo que reúne diversos setores da indústria de transformação, após reunião em hotel na capital paulista.

Segundo os industriais, a medida tem impacto positivo não apenas pela redução do imposto em si, mas também por aliviar o custo de financiamento de capital de giro das empresas. A tendência, observaram, é de esses ganhos serem repassados ao consumidor, sobretudo nos mercados de maior concorrência.

Coordenador da Coalizão Indústria, além de presidente-executivo do **Instituto Aço Brasil**, Marco Polo De Mello Lopes classificou a redução do imposto como uma medida justa, corajosa e necessária num momento em que a inflação global é pressionada pelo choque de oferta decorrente da crise no leste europeu.

Ele adiantou, no entanto, que a indústria seguirá cobrando um corte maior, de 50%, do IPI. "Nossa expectativa era de 50%. Faz parte de nossa reivindicação avançar com uma redução maior", disse o executivo.

Segundo as lideranças industriais, a capacidade das fábricas de repassar a disparada das matérias-primas - em especial petróleo, gás, coque, carvão mineral e energia elétrica - vai variar em cada mercado.

De qualquer forma, José Roriz, presidente da Abiplast, a associação que representa a indústria do plástico, avaliou que o corte no IPI ajudará a mitigar essa alta. "Vem em boa hora, é uma medida extremamente oportuna", comentou.

Assuntos e Palavras-Chave: Aço Brasil - Aço Brasil, Diretoria Executiva - Marco Polo de Mello Lopes

IPI menor é amortecedor à disparada das commodities, diz indústria



[Clique aqui para abrir a imagem](#)

A escalada nas cotações das commodities de energia após a guerra entre Rússia e Ucrânia deve ser amortecida, no preço final dos produtos, pelo corte de 25% das alíquotas do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI). A avaliação foi feita nesta segunda-feira por empresários da Coalizão Indústria, grupo que reúne diversos setores da indústria de transformação, após reunião em hotel na capital paulista.

Segundo os industriais, a medida tem impacto positivo não apenas pela redução do imposto em si, mas também por aliviar o custo de financiamento de capital de giro das empresas. A tendência, observaram, é de esses ganhos serem repassados ao consumidor, sobretudo nos mercados de maior concorrência.

Coordenador da Coalizão Indústria, além de presidente-executivo do **Instituto Aço Brasil**, Marco Polo De Mello Lopes classificou a redução do imposto como uma medida justa, corajosa e necessária num momento em que a inflação global é pressionada pelo choque de oferta decorrente da crise no leste europeu.

Ele adiantou, no entanto, que a indústria seguirá cobrando um corte maior, de 50%, do IPI. "Nossa expectativa era de 50%. Faz parte de nossa reivindicação avançar com uma redução maior", disse o executivo.

Segundo as lideranças industriais, a capacidade das fábricas de repassar a disparada das matérias-primas - em especial petróleo, gás, coque, carvão mineral e energia elétrica - vai variar em cada mercado.

De qualquer forma, José Roriz, presidente da Abiplast, a associação que representa a indústria do plástico, avaliou que o corte no IPI ajudará a mitigar essa alta. "Vem em boa hora, é uma medida extremamente oportuna", comentou.

IPI menor é amortecedor à disparada das commodities, diz indústria



[Clique aqui para abrir a imagem](#)

Autor: Da Redação

A escalada nas cotações das commodities de energia após a guerra entre Rússia e Ucrânia deve ser amortecida, no preço final dos produtos, pelo corte de 25% das alíquotas do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI). A avaliação foi feita nesta segunda-feira por empresários da Coalizão Indústria, grupo que reúne diversos setores da indústria de transformação, após reunião em hotel na capital paulista.

Segundo os industriais, a medida tem impacto positivo não apenas pela redução do imposto em si, mas também por aliviar o custo de financiamento de capital de giro das empresas. A tendência, observaram, é de esses ganhos serem repassados ao consumidor, sobretudo nos mercados de maior concorrência.

Coordenador da Coalizão Indústria, além de presidente-executivo do **Instituto Aço Brasil**, Marco Polo De Mello Lopes classificou a redução do imposto como uma medida justa, corajosa e necessária num momento em que a inflação global é pressionada pelo choque de oferta decorrente da crise no leste europeu.

Ele adiantou, no entanto, que a indústria seguirá cobrando um corte maior, de 50%, do IPI. "Nossa expectativa era de 50%. Faz parte de nossa reivindicação avançar com uma redução maior", disse o executivo.

Segundo as lideranças industriais, a capacidade das fábricas de repassar a disparada das matérias-primas - em especial petróleo, gás, coque, carvão mineral e energia elétrica - vai variar em cada mercado.

De qualquer forma, José Roriz, presidente da Abiplast, a associação que representa a indústria do plástico, avaliou que o corte no IPI ajudará a mitigar essa alta. "Vem em boa hora, é uma medida extremamente oportuna", comentou.

Assuntos e Palavras-Chave: Aço Brasil - Aço Brasil, Diretoria Executiva - Marco Polo de Mello Lopes

IPI menor é amortecedor à disparada das commodities, diz indústria



[Clique aqui para abrir a imagem](#)

Autor: São Paulo

A escalada nas cotações das commodities de energia após a guerra entre Rússia e Ucrânia deve ser amortecida, no preço final dos produtos, pelo corte de 25% das alíquotas do Imposto sobre Produtos Industrializados (**IPI**). A avaliação foi feita nesta segunda-feira por empresários da **Coalizão Indústria**, grupo que reúne diversos setores da indústria de transformação, após reunião em hotel na capital paulista.

Segundo os industriais, a medida tem impacto positivo não apenas pela redução do imposto em si, mas também por aliviar o custo de financiamento de capital de giro das empresas. A tendência, observaram, é de esses ganhos serem repassados ao consumidor, sobretudo nos mercados de maior concorrência.

Coordenador da **Coalizão Indústria**, além de presidente-executivo do **Instituto Aço Brasil**, Marco Polo De Mello Lopes classificou a redução do imposto como uma medida justa, corajosa e necessária num momento em que a inflação global é pressionada pelo choque de oferta decorrente da crise no leste europeu.

Ele adiantou, no entanto, que a indústria seguirá cobrando um corte maior, de 50%, do **IPI**. "Nossa expectativa era de 50%. Faz parte de nossa reivindicação avançar com uma redução maior", disse o executivo.

Segundo as lideranças industriais, a capacidade das fábricas de repassar a disparada das matérias-primas - em especial petróleo, gás, coque, **carvão** mineral e **energia elétrica** - vai variar em cada mercado.

De qualquer forma, José Roriz, presidente da Abiplast, a associação que representa a indústria do plástico, avaliou que o corte no **IPI** ajudará a mitigar essa alta. "Vem em boa hora, é uma medida extremamente oportuna", comentou.

Assuntos e Palavras-Chave: Aço Brasil - Aço Brasil, Comércio Exterior - Coalizão Indústria, Diretoria Executiva - Marco Polo de Mello Lopes, Insumos - Carvão, Insumos - Energia Elétrica, Política Fiscal - IPI

Coalizão Indústria diz que "mercado" vai ditar eventual repasse de IPI menor aos preços



[Clique aqui para abrir a imagem](#)

SÃO PAULO (Reuters) - Setores industriais do país reunidos em uma coalizão de interesses se reuniram nesta segunda-feira para debater eventuais efeitos da redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) e afirmaram em entrevista à imprensa que eventuais repasses aos consumidores da redução de 25% do IPI, decidida recentemente pelo governo federal, serão decididos em função do mercado.

O governo federal anunciou no final de fevereiro redução de 25% do IPI em praticamente todos os produtos industrializados em uma estratégia que vai gerar renúncia fiscal de 20 bilhões de reais (incluindo por Estados e municípios) e que foi anunciada em ano eleitoral. A expectativa oficial é que a redução do imposto ajude a conter a inflação e dê um impulso à indústria.

"A princípio, esse IPI era para cair 50% e tomou-se a decisão de 25%. Vamos continuar ainda com essa discussão de queda do IPI", disse o presidente da associação da indústria de produtos plásticos Abiplast, José Ricardo Roriz Coelho, que participou de evento da Coalizão Indústria. O grupo reúne 14 entidades do setor industrial de segmentos que incluem além do plástico, aço, construção, eletroeletrônica, máquinas, veículos e fármacos.

"O IPI tende a ser repassado quase todo, até porque nos setores onde têm concorrência e onde você tem uma demanda que é incerta, é lógico que a empresa vai sair na frente para repassar o IPI se não ela vai perder mercado", acrescentou Roriz.

"A própria concorrência vai pressionar para que venha o mais rápido possível esse repasse para o consumidor final", disse ele.

Representantes dos setores presentes na reunião evitaram mencionar eventuais percentuais de repasse da redução do IPI sobre seus produtos. Segundo eles, essa é uma dinâmica que será definida pelo mercado.

De acordo com o presidente-executivo do **Aço Brasil**, que reúne produtores de aço, Marco Polo Lopes, "repasse é mercado...Mercado é mercado, quem define as condições é o próprio mercado. O momento para isso (repasse da redução do IPI) depende de cada segmento, não dá para fazer uma previsão".

AÇO E EUA

Lopes também afirmou durante o evento que a guerra na Ucrânia pode facilitar o pleito brasileiro de eliminar algumas quotas de exportação de aço para os Estados Unidos. Segundo ele, discussões já estão em curso e devem se seguir a uma nova missão do governo e do setor siderúrgico para Washington.

"O pleito que já temos definido com o governo brasileiro é de exclusão das cotas de exportações de semiacabados para os EUA", disse o presidente do **Aço Brasil**. "Se não houver essa possibilidade, o pleito é de aumento da cota."

A Rússia exportou em 2018, quando as cotas de exportações de aço foram definidas pelos EUA, cerca de 2 milhões de toneladas de aço para o país, segundo maior fornecedor de placas depois do Brasil, disse Lopes.

O executivo comentou ainda que o setor siderúrgico já está buscando alternativas de fornecimento de carvão siderúrgico, que foi impactado pelas sanções à Rússia, e citou que a Austrália é uma opção. "Entendemos que no curto prazo não vai ter nenhum tipo de problema relacionado à produção."

Sobre as projeções para a economia nacional neste ano, Lopes afirmou que as estimativas da cadeia do aço, e dos outros setores, de crescimento econômico, estão "mantidas apesar das incertezas" que o cenário da guerra na Ucrânia trouxe, incluindo a manutenção da elevação de preços de commodities.

(Por Alberto Alerigi Jr.; edição de André Romani)

Assuntos e Palavras-Chave: Aço Brasil - Aço Brasil, Diretoria Executiva - Marco Polo de Mello Lopes

Coalizão Indústria diz que "mercado" vai ditar eventual repasse de IPI menor aos preços



[Clique aqui para abrir a imagem](#)

Setores industriais do país reunidos em uma coalizão de interesses se reuniram nesta segunda-feira para debater eventuais efeitos da redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) e afirmaram em entrevista à imprensa que eventuais repasses aos consumidores da redução de 25% do IPI, decidida recentemente pelo governo federal, serão decididos em função do mercado.

O governo federal anunciou no final de fevereiro redução de 25% do IPI em praticamente todos os produtos industrializados em uma estratégia que vai gerar renúncia fiscal de 20 bilhões de reais (incluindo por Estados e municípios) e que foi anunciada em ano eleitoral. A expectativa oficial é que a redução do imposto ajude a conter a inflação e dê um impulso à indústria.

"A princípio, esse IPI era para cair 50% e tomou-se a decisão de 25%. Vamos continuar ainda com essa discussão de queda do IPI", disse o presidente da associação da indústria de produtos plásticos Abiplast, José Ricardo Roriz Coelho, que participou de evento da Coalizão Indústria. O grupo reúne 14 entidades do setor industrial de segmentos que incluem além do plástico, aço, construção, eletroeletrônica, máquinas, veículos e fármacos.

"O IPI tende a ser repassado quase todo, até porque nos setores onde têm concorrência e onde você tem uma demanda que é incerta, é lógico que a empresa vai sair na frente para repassar o IPI se não ela vai perder mercado", acrescentou Roriz.

"A própria concorrência vai pressionar para que venha o mais rápido possível esse repasse para o consumidor final", disse ele.

Representantes dos setores presentes na reunião evitaram mencionar eventuais percentuais de repasse da redução do IPI sobre seus produtos. Segundo eles, essa é uma dinâmica que será definida pelo mercado.

De acordo com o presidente-executivo do **Aço Brasil**, que reúne produtores de aço, Marco Polo Lopes, "repasse é mercado...Mercado é mercado, quem define as condições é o próprio mercado. O momento para isso (repasse da redução do IPI) depende de cada segmento, não dá para fazer uma previsão".

AÇO E EUA

Lopes também afirmou durante o evento que a guerra na Ucrânia pode facilitar o pleito brasileiro de eliminar algumas quotas de exportação de aço para os Estados Unidos. Segundo ele, discussões já estão em curso e devem se seguir a uma nova missão do governo e do setor siderúrgico para Washington.

"O pleito que já temos definido com o governo brasileiro é de exclusão das cotas de exportações de semiacabados para os EUA", disse o presidente do **Aço Brasil**. "Se não houver essa possibilidade, o pleito é de aumento da cota."

A Rússia exportou em 2018, quando as cotas de exportações de aço foram definidas pelos EUA, cerca de 2 milhões de toneladas de aço para o país, segundo maior fornecedor de placas depois do Brasil, disse Lopes.

O executivo comentou ainda que o setor siderúrgico já está buscando alternativas de fornecimento de carvão siderúrgico, que foi impactado pelas sanções à Rússia, e citou que a Austrália é uma opção. "Entendemos que no curto prazo não vai ter nenhum tipo de problema relacionado à produção."

Sobre as projeções para a economia nacional neste ano, Lopes afirmou que as estimativas da cadeia do aço, e dos outros setores, de crescimento econômico, estão "mantidas apesar das incertezas" que o cenário da guerra na Ucrânia trouxe, incluindo a manutenção da elevação de preços de commodities.

Assuntos e Palavras-Chave: Aço Brasil - Aço Brasil, Diretoria Executiva - Marco Polo de Mello Lopes

Coalizão Indústria diz que "mercado" vai ditar eventual repasse de IPI menor aos preços



[Clique aqui para abrir a imagem](#)

SÃO PAULO (Reuters) - Setores industriais do país reunidos em uma coalizão de interesses se reuniram nesta segunda-feira para debater eventuais efeitos da redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) e afirmaram em entrevista à imprensa que eventuais repasses aos consumidores da redução de 25% do IPI, decidida recentemente pelo governo federal, serão decididos em função do mercado.

O governo federal anunciou no final de fevereiro redução de 25% do IPI em praticamente todos os produtos industrializados em uma estratégia que vai gerar renúncia fiscal de 20 bilhões de reais (incluindo por Estados e municípios) e que foi anunciada em ano eleitoral. A expectativa oficial é que a redução do imposto ajude a conter a inflação e dê um impulso à indústria.

"A princípio, esse IPI era para cair 50% e tomou-se a decisão de 25%. Vamos continuar ainda com essa discussão de queda do IPI", disse o presidente da associação da indústria de produtos plásticos Abiplast, José Ricardo Roriz Coelho, que participou de evento da Coalizão Indústria. O grupo reúne 14 entidades do setor industrial de segmentos que incluem além do plástico, aço, construção, eletroeletrônica, máquinas, veículos e fármacos.

"O IPI tende a ser repassado quase todo, até porque nos setores onde têm concorrência e onde você tem uma demanda que é incerta, é lógico que a empresa vai sair na frente para repassar o IPI se não ela vai perder mercado", acrescentou Roriz.

"A própria concorrência vai pressionar para que venha o mais rápido possível esse repasse para o consumidor final", disse ele.

Representantes dos setores presentes na reunião evitaram mencionar eventuais percentuais de repasse da redução do **IPI** sobre seus produtos. Segundo eles, essa é uma dinâmica que será definida pelo mercado.

De acordo com o presidente-executivo do **Aço Brasil**, que reúne produtores de aço, Marco Polo Lopes, "repasse é mercado...Mercado é mercado, quem define as condições é o próprio mercado. O momento para isso (repasse da redução do **IPI**) depende de cada segmento, não dá para fazer uma previsão".

AÇO E EUA

Lopes também afirmou durante o evento que a guerra na Ucrânia pode facilitar o pleito brasileiro de eliminar algumas quotas de exportação de aço para os Estados Unidos. Segundo ele, discussões já estão em curso e devem se seguir a uma nova missão do governo e do **setor siderúrgico** para Washington.

"O pleito que já temos definido com o governo brasileiro é de exclusão das cotas de exportações de semiacabados para os EUA", disse o presidente do **Aço Brasil**. "Se não houver essa possibilidade, o pleito é de aumento da cota."

A Rússia exportou em 2018, quando as cotas de exportações de aço foram definidas pelos EUA, cerca de 2 milhões de toneladas de aço para o país, segundo maior fornecedor de placas depois do Brasil, disse Lopes.

O executivo comentou ainda que o **setor siderúrgico** já está buscando alternativas de fornecimento de **carvão** siderúrgico, que foi impactado pelas sanções à Rússia, e citou que a Austrália é uma opção. "Entendemos que no curto prazo não vai ter nenhum tipo de problema relacionado à produção."

Sobre as projeções para a economia nacional neste ano, Lopes afirmou que as estimativas da cadeia do aço, e dos outros setores, de crescimento econômico, estão "mantidas apesar das incertezas" que o cenário da guerra na Ucrânia trouxe, incluindo a manutenção da elevação de preços de commodities.

(Por Alberto Alerigi Jr.; edição de André Romani)

Assuntos e Palavras-Chave: Aço Brasil - Aço Brasil, Comércio Exterior - Coalizão Indústria, Diretoria Executiva - Marco Polo de Mello Lopes, Insumos - Carvão, Política Fiscal - IPI, Política Industrial - Setor siderúrgico

Coalizão Indústria diz que 'mercado' vai ditar eventual repasse de IPI menor aos preços



[Clique aqui para abrir a imagem](#)

SÃO PAULO (Reuters) - Setores industriais do país reunidos em uma coalizão de interesses se reuniram nesta segunda-feira para debater eventuais efeitos da redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) e afirmaram em entrevista à imprensa que eventuais repasses aos consumidores da redução de 25% do IPI, decidida recentemente pelo governo federal, serão decididos em função do mercado.

O governo federal anunciou no final de fevereiro redução de 25% do IPI em praticamente todos os produtos industrializados em uma estratégia que vai gerar renúncia fiscal de 20 bilhões de reais (incluindo por Estados e municípios) e que foi anunciada em ano eleitoral. A expectativa oficial é que a redução do imposto ajude a conter a inflação e dê um impulso à indústria.

'A princípio, esse IPI era para cair 50% e tomou-se a decisão de 25%. Vamos continuar ainda com essa discussão de queda do IPI', disse o presidente da associação da indústria de produtos plásticos Abiplast, José Ricardo Roriz Coelho, que participou de evento da Coalizão Indústria. O grupo reúne 14 entidades do setor industrial de segmentos que incluem além do plástico, aço, construção, eletroeletrônica, máquinas, veículos e fármacos.

'O IPI tende a ser repassado quase todo, até porque nos setores onde têm concorrência e onde você tem uma demanda que é incerta, é lógico que a empresa vai sair na frente para repassar o IPI se não ela vai perder mercado', acrescentou Roriz.

'A própria concorrência vai pressionar para que venha o mais rápido possível esse repasse para o consumidor final', disse ele.

Representantes dos setores presentes na reunião evitaram mencionar eventuais percentuais de repasse da redução do **IPI** sobre seus produtos. Segundo eles, essa é uma dinâmica que será definida pelo mercado.

De acordo com o presidente-executivo do **Aço Brasil**, que reúne produtores de aço, Marco Polo Lopes, 'repasse é mercado? Mercado é mercado, quem define as condições é o próprio mercado. O momento para isso (repasse da redução do **IPI**) depende de cada segmento, não dá para fazer uma previsão'.

AÇO E EUA

Lopes também afirmou durante o evento que a guerra na Ucrânia pode facilitar o pleito brasileiro de eliminar algumas quotas de exportação de aço para os Estados Unidos. Segundo ele, discussões já estão em curso e devem se seguir a uma nova missão do governo e do **setor siderúrgico** para Washington.

'O pleito que já temos definido com o governo brasileiro é de exclusão das cotas de exportações de semiacabados para os EUA', disse o presidente do **Aço Brasil**. 'Se não houver essa possibilidade, o pleito é de aumento da cota.'

A Rússia exportou em 2018, quando as cotas de exportações de aço foram definidas pelos EUA, cerca de 2 milhões de toneladas de aço para o país, segundo maior fornecedor de placas depois do Brasil, disse Lopes.

O executivo comentou ainda que o **setor siderúrgico** já está buscando alternativas de fornecimento de **carvão** siderúrgico, que foi impactado pelas sanções à Rússia, e citou que a Austrália é uma opção. 'Entendemos que no curto prazo não vai ter nenhum tipo de problema relacionado à produção.'

Sobre as projeções para a economia nacional neste ano, Lopes afirmou que as estimativas da cadeia do aço, e dos outros setores, de crescimento econômico, estão 'mantidas apesar das incertezas' que o cenário da guerra na Ucrânia trouxe, incluindo a manutenção da elevação de preços de commodities.

(Por Alberto Alerigi Jr.; edição de André Romani)

Saiba mais

Assuntos e Palavras-Chave: Aço Brasil - Aço Brasil, Comércio Exterior - Coalizão Indústria, Diretoria Executiva - Marco Polo de Mello Lopes, Insumos - Carvão, Política Fiscal - IPI, Política Industrial - Setor siderúrgico

Coalizão Indústria diz que "mercado" vai ditar eventual repasse de IPI menor aos preços



[Clique aqui para abrir a imagem](#)

Autor: Reuters

SÃO PAULO (Reuters) - Setores industriais do país reunidos em uma coalizão de interesses se reuniram nesta segunda-feira para debater eventuais efeitos da redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) e afirmaram em entrevista à imprensa que eventuais repasses aos consumidores da redução de 25% do IPI, decidida recentemente pelo governo federal, serão decididos em função do mercado.

O governo federal anunciou no final de fevereiro redução de 25% do IPI em praticamente todos os produtos industrializados em uma estratégia que vai gerar renúncia fiscal de 20 bilhões de reais (incluindo e municípios) e que foi anunciada em ano eleitoral. A expectativa oficial é que a redução do imposto ajude a conter a inflação e dê um impulso à indústria.

"A princípio, esse IPI era para cair 50% e tomou-se a decisão de 25%. Vamos continuar ainda com essa discussão de queda do IPI", disse o presidente da associação da indústria de produtos plásticos Abiplast, José Ricardo Roriz Coelho, que participou de evento da Coalizão Indústria. O grupo reúne 14 entidades do setor industrial de segmentos que incluem além do plástico, aço, construção, eletroeletrônica, máquinas, veículos e fármacos.

"O IPI tende a ser repassado quase todo, até porque nos setores onde têm concorrência e onde você tem uma demanda que é incerta, é lógico que a empresa vai sair na frente para repassar o IPI se não ela vai perder mercado", acrescentou Roriz.

"A própria concorrência vai pressionar para que venha o mais rápido possível esse repasse para o consumidor final", disse ele.

Representantes dos setores presentes na reunião evitaram mencionar eventuais percentuais de repasse da redução do IPI sobre seus produtos. Segundo eles, essa é uma dinâmica que será definida pelo mercado.

De acordo com o presidente-executivo do **Aço Brasil**, que reúne produtores de aço, Marco Polo Lopes, "repasse é mercado...Mercado é mercado, quem define as condições é o próprio mercado. O momento para isso (repasse da redução do IPI) depende de cada segmento, não dá para fazer uma previsão".

AÇO E EUA

Lopes também afirmou durante o evento que a guerra na Ucrânia pode facilitar o pleito brasileiro de eliminar algumas quotas de exportação de aço para os Estados Unidos. Segundo ele, discussões já estão em curso e devem se seguir a uma nova missão do governo e do setor siderúrgico para Washington.

"O pleito que já temos definido com o governo brasileiro é de exclusão das cotas de exportações de semiacabados para os EUA", disse o presidente do **Aço Brasil**. "Se não houver essa possibilidade, o pleito é de aumento da cota."

A Rússia exportou em 2018, quando as cotas de exportações de aço foram definidas pelos EUA, cerca de 2 milhões de toneladas de aço para o país, segundo maior fornecedor de placas depois do Brasil, disse Lopes.

O executivo comentou ainda que o setor siderúrgico já está buscando alternativas de fornecimento de carvão siderúrgico, que foi impactado pelas sanções à Rússia, e citou que a Austrália é uma opção. "Entendemos que no curto prazo não vai ter nenhum tipo de problema relacionado à produção."

Sobre as projeções para a economia nacional neste ano, Lopes afirmou que as estimativas da cadeia do aço, e dos outros setores, de crescimento econômico, estão "mantidas apesar das incertezas" que o cenário da guerra na Ucrânia trouxe, incluindo a manutenção da elevação de preços de commodities.

(Por Alberto Alerigi Jr.; edição de André Romani)

Assuntos e Palavras-Chave: Aço Brasil - Aço Brasil, Diretoria Executiva - Marco Polo de Mello Lopes

Coalizão Indústria diz que 'mercado' vai ditar eventual repasse de IPI menor aos preços



[Clique aqui para abrir a imagem](#)

Autor: Money Times

A expectativa oficial é que a redução do imposto ajude a conter a inflação e dê um impulso à indústria (Imagem: Pixabay/jarmoluk)

Setores industriais do país reunidos em uma coalizão de interesses se reuniram nesta segunda-feira para debater eventuais efeitos da redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) e afirmaram em entrevista à imprensa que eventuais repasses aos consumidores da redução de 25% do IPI, decidida recentemente pelo governo federal, serão decididos em função do mercado.

O governo federal anunciou no final de fevereiro redução de 25% do IPI em praticamente todos os produtos industrializados em uma estratégia que vai gerar renúncia fiscal de 20 bilhões de reais (incluindo por Estados e municípios) e que foi anunciada em ano eleitoral.

A expectativa oficial é que a redução do imposto ajude a conter a inflação e dê um impulso à indústria.

'A princípio, esse IPI era para cair 50% e tomou-se a decisão de 25%. Vamos continuar ainda com essa discussão de queda do IPI', disse o presidente da associação da indústria de produtos plásticos Abiplast, José Ricardo Roriz Coelho, que participou de evento da Coalizão Indústria.

O grupo reúne 14 entidades do setor industrial de segmentos que incluem além do plástico, aço, construção,

eletroeletrônica, máquinas, veículos e fármacos.

'O IPI tende a ser repassado quase todo, até porque nos setores onde têm concorrência e onde você tem uma demanda que é incerta, é lógico que a empresa vai sair na frente para repassar o IPI se não ela vai perder mercado', acrescentou Roriz.

'A própria concorrência vai pressionar para que venha o mais rápido possível esse repasse para o consumidor final', disse ele.

Representantes dos setores presentes na reunião evitaram mencionar eventuais percentuais de repasse da redução do IPI sobre seus produtos. Segundo eles, essa é uma dinâmica que será definida pelo mercado.

De acordo com o presidente-executivo do **Aço Brasil**, que reúne produtores de aço, Marco Polo Lopes, 'repasse é mercado? Mercado é mercado, quem define as condições é o próprio mercado. O momento para isso (repasse da redução do IPI) depende de cada segmento, não dá para fazer uma previsão'.

Aço e EUA

Lopes também afirmou durante o evento que a guerra na Ucrânia pode facilitar o pleito brasileiro de eliminar algumas quotas de exportação de aço para os Estados Unidos.

Segundo ele, discussões já estão em curso e devem se seguir a uma nova missão do governo e do setor siderúrgico para Washington.

'O pleito que já temos definido com o governo brasileiro é de exclusão das cotas de exportações de semiacabados para os EUA', disse o presidente do **Aço Brasil**. 'Se não houver essa possibilidade, o pleito é de aumento da cota.'

A Rússia exportou em 2018, quando as cotas de exportações de aço foram definidas pelos EUA, cerca de 2 milhões de toneladas de aço para o país, segundo maior fornecedor de placas depois do Brasil, disse Lopes.

O executivo comentou ainda que o setor siderúrgico já está buscando alternativas de fornecimento de carvão siderúrgico, que foi impactado pelas sanções à Rússia, e citou que a Austrália é uma opção. 'Entendemos que no curto prazo não vai ter nenhum tipo de problema relacionado à produção.'

A Rússia exportou em 2018, quando as cotas de exportações de aço foram definidas pelos EUA, cerca de 2 milhões de toneladas de aço para o país, segundo maior fornecedor de placas depois do Brasil, disse o presidente do **Aço Brasil** Marco Polo Lopes (Imagem: Pixabay/zephyrwer0)

Sobre as projeções para a economia nacional neste ano, Lopes afirmou que as estimativas da cadeia do aço, e dos outros setores, de crescimento econômico, estão 'mantidas apesar das incertezas' que o cenário da guerra na Ucrânia trouxe, incluindo a manutenção da elevação de preços de commodities.

Assuntos e Palavras-Chave: Aço Brasil - Aço Brasil, Diretoria Executiva - Marco Polo de Mello Lopes

Reunião da Coalizão Indústria



[Clique aqui para abrir a imagem](#)

O Grupo denominado 'Coalizão Indústria' que reúne as principais entidades da indústria produtora do Brasil, reuniu-se nesta segunda-feira dia 07 de março de 2022 para analisar os impactos da Redução do IPI decretada pelo Governo Federal no último dia 25 de fevereiro e também as consequências para a nossa indústria da Guerra entre Rússia e Ucrânia.

A Coalizão Indústria reúne 14 entidades: Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Associação Brasileira da Indústria de Brinquedos (Abrinq), Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados), Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC), Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee), Associação Brasileira de Indústria de Máquinas Equipamentos (Abimaq), Associação Brasileira da Indústria do Plástico (Abiplast), Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit), Associação Brasileira de Cimento Portland (ABCP), Associação Nacional de Fabricantes de Produtos Eletrônicos (Eletros), **Instituto Aço Brasil** (IABR), INTERFARMA e Grupo Farma Brasil.

Neste momento a Coalizão Indústria é presidida por **Marco Polo de Mello Lopes** também presidente executivo do **Instituto Aço Brasil**.

Na abertura dos trabalhos a maioria dos presidentes de entidades presentes exaltaram que a medida governamental de redução do IPI, vem de encontro a uma velha reivindicação da indústria. O pedido era de uma redução de 50% no IPI. A redução que veio foi de 25% mas é muito benéfica pois irá incrementar e incentivar principalmente o crescimento dos bens de consumo, pois entendem que a indústria irá repassar este desconto para seus produtos finais. Outro benefício imediato exaltado é que haverá naturalmente uma melhora no fluxo de recursos financeiros e de caixa das empresas com a medida que já entrou em vigor.

Quanto a questão envolvendo o conflito armado entre Rússia X Ucrânia, inicialmente todos lamentaram pela questão humanitária, já que muitas vidas estão sendo ceifadas com o rigor da guerra e sobre as consequências econômicas e práticas deverão ocorrer mais nos médio e longo prazos.

Neste momento já estão ocorrendo problemas de logística, uma vez que várias rotas aéreas e marítimas estão sendo alteradas e há problemas de falta de navios e containers que já estava ocorrendo e ainda não haviam sido normalizados pós pandemia do Corona vírus.

O impacto direto nas matérias primas vindas da Rússia ou Ucrânia tendem a ser mínimas, uma vez que todos as indústrias normalmente trabalham com algum estoque adicional e todos já buscam as alternativas em níveis mundiais para os suprimentos necessários.

Há no entanto a preocupação com a onda de inflação que pode ser gerada a partir desta diminuição de oferta mundial, uma vez que principalmente a Rússia, que agora está bloqueada em vários países é uma das gigantes no fornecimento principalmente de fontes ligadas a energia.

Porém há um detalhe que pode ser muito favorável ao Brasil neste momento. Segundo disse Marco Polo a Rússia é o segundo maior fornecedor de placas siderúrgicas aos EUA que é o maior consumidor mundial, vindo logo atrás do Brasil. Deduzimos que com a abertura desta brecha não só haverá espaço para uma expansão do mercado brasileiro neste momento, mas também para a retomada com mais ênfase das discussões visando eliminar ou aumentar as cotas brasileiras de semi manufaturados siderúrgicos aos EUA.

Finalizando foi dito na reunião que a todas as entidades preveem que os números de cada uma delas com respeito a crescimento esperado, ainda não puderam ser revistos, mas não devem sofrer alteração e se ocorrer será para melhor.

Também foi confirmado que uma vez fechados os números do ano de 2021, ficou confirmado que as taxas de investimentos no Brasil que permaneciam inalteradas em 15% do PIB, passaram no ano passado para 19,4% que é uma prova inequívoca que o Brasil tem atraído investimentos e aquelas empresas que já estão aqui estão investido porque acreditam na expansão do negócios neste e nos próximos anos.

Henrique Patria

Assuntos e Palavras-Chave: Aço Brasil - Aço Brasil, Diretoria Executiva - Marco Polo de Mello Lopes